



PUC
RIO

LICIA MAGNO LOPES PEREIRA

**A FALA DA VIOLÊNCIA
UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A VIOLÊNCIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

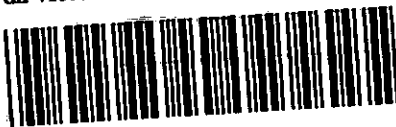
Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, 17 de abril de 1997.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 P436f TESE UC
Título A fala da violência



Ex.1 PUCB

0135214

LICIA MAGNO LOPES PEREIRA

**A FALA DA VIOLÊNCIA
UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A VIOLÊNCIA**

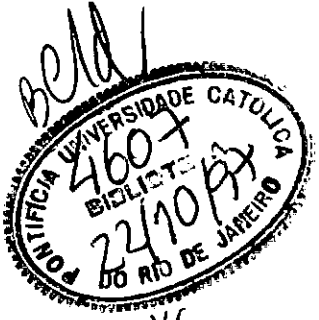
**Dissertação apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Psicologia.**

Orientadora: Júnia de Vilhena

**Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro, 17 de abril de 1997.

UC-00071658-4



135 214

150
P 436 f
TESE UC

Dedico a:

**minha mãe
Uriel
Daniela e Gustavo**

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª Dr^ª Júnia de Vilhena, que, como orientadora, dedicou toda a atenção e interesse ao projeto apresentado, oferecendo-me apoio e confiança para sua finalização.

À Prof^ª Maria Margarida Simões, que, mais do que um cuidadoso trabalho de revisão, esteve igualmente presente com seu carinho e dedicação.

À Dr^ª Benita Losada Albuquerque Lopes, pela escuta analítica.

Ao Dr. Paulo Becker, que, com sua disponibilidade, ajudou-me de forma inequívoca.

À Dr^ª Simone Pencak, colega a quem devo o incentivo para iniciar o curso.

À Dr^ª Consuelo Ventura, amiga que colaborou com seu valioso conhecimento da língua inglesa.

À Capes, pelo apoio financeiro.

Aos professores do Curso de Mestrado da PUC.

Aos colegas de Mestrado da PUC, cujas interlocuções foram fundamentais para a finalização deste processo.

Aos colegas da Letra Freudiana, que me ofereceram sempre sua escuta e apoio.

À Marize e Verinha, que, com sua gentileza costumeira, tornavam sempre mais fáceis as tarefas burocráticas.

Aos familiares e amigos próximos, que inúmeras vezes mostraram-se pacientes e compreensivos frente a meus enclausuramentos necessários durante a pesquisa.

RESUMO

Motivada por uma experiência de trabalho com menores infratores, a autora busca uma interlocução com a teoria psicanalítica em torno da temática da violência. Que contribuições podem advir de tal diálogo quando se circunscreve ao contexto do “mal-estar” crescente que vivenciamos na Cidade do Rio de Janeiro?

Não se esgotando no aspecto social, a noção de violência é aqui desenvolvida como “passagem ao ato”, expressão utilizada por Lacan em seu ensino e encontrada com sutis diferenças na obra de Freud como “*acts its out*”.

O ato violento pode dar a impressão de responder às causas sociais, mas, como fenômeno inerente à constituição humana, visaria, no entender da Psicanálise, a solução de um impasse intersubjetivo.

ABSTRACT

Driven by a work experience with juvenile delinquents, the author searches an interlocution with the psychoanalysis theory about the violence theme. Which contributions can result from such dialogue when it is circumscribed to the growing “discomfort” context that we live in the City of Rio de Janeiro ?

Not circumscribing the notion of violence to the social aspect, this notion is developed here as the “to pass the act”, expression used by Lacan in his teachings and found with subtle differences in Freud’s work as “*act its out*”.

The violent act may seem to respond to the social causes, but, as a phenomenon inherent to the human constitution, it would seek, in the psychoanalysis understanding, the solution of an inter-subject difficulty.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	SINTOMA DO SOCIAL?	17
2.1	A VIOLÊNCIA E A DELINQUÊNCIA	19
2.2	VIOLÊNCIA: SINTOMA OU ATO?	20
2.2.1	O Sintoma e o Retorno do Recalcado	21
2.2.2	A Estrutura do Ato	25
2.3	A PSICANÁLISE E OS TEXTOS SOBRE CRIMINALIDADE E DELINQUÊNCIA	29
3	A VIOLÊNCIA E OS MITOS DA PSICANÁLISE	37
3.1	OS MITOS	38
3.1.1	Totem e Tabu	40
3.1.2	O Mito de Édipo	48
3.1.3	Moisés e o Monoteísmo	59
4	ESTRUTURA PSÍQUICA E VIOLÊNCIA	64
4.1	A FANTASIA	65
4.2	A TEORIA DO TRAUMA	73
4.3	A PULSÃO E SEU CIRCUITO	76
4.4	O PAR SADISMO-MASOQUISMO	86
4.5	SEXUALIDADE INFANTIL	93
5	DO SUBJETIVO AO SOCIAL	102
5.1	A CONSTITUIÇÃO DE UM EU	103
5.2	DO EU AO OUTRO	115
5.3	EM TEMPOS DE AMOR E GUERRA	120
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133

1. INTRODUÇÃO

Vários campos do saber têm sido convocados a opinar sobre as origens, as implicações e a genealogia da violência no mundo. A maioria dessas reflexões gira em torno de ações sócio-políticas, históricas e econômicas percebidas. Vivemos num tempo em que falamos sobre a violência de determinada classe social ou de certo grupo político; sobre massacres religiosos e tribais e outros tipos de genocídio. Mas será que esta não é a própria história da civilização? Solicitando Arendt como interlocutora, ela nos responde que, em todas as sociedades e épocas, ocorrem ações que se podem caracterizar como violentas, pelo uso da força bruta:

“Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente colhida como objeto de consideração especial.” (1994, p.16)

Colocando em relevo o dito da autora, estamos diante de um *mal-estar* que não é exclusivo do final do milênio, de determinada cidade, classe social ou que apenas aflore numa grande metrópole. O

traço curioso que se repete é a violência de um grupo sobre outro: portugueses x índios; xiitas x islamitas; sem-terra x latifundiários - como se nestes impasses algo da ordem do domínio estivesse sendo assinalado.

Circunscrevendo o tema à cidade do Rio de Janeiro, percebemos que a violência urbana vem estendendo seus tentáculos à rotina diária de cada um de nós. Assaltos, roubos, seqüestros e outros atos bárbaros apresentam-se como vizinhos indesejáveis - porém inevitáveis - dos cidadãos, que desta forma são submetidos, com certa perplexidade, a um cenário de criminalidade ostensiva.

Diante das diversas análises que nos chegam às mãos, verificamos que agressor e agredido trocam constantemente suas posições. Trata-se aqui de uma questão atravessada pelo campo social. A agudeza da situação nos instigou a realizar esta pesquisa, analisando, portanto, o problema da violência a partir de sua emergência no social e oferecendo algumas reflexões a respeito.

Já que motivações especiais no homem buscam o caminho violento como principal forma de expressão, formulamos o seguinte questionamento que nos propomos trabalhar nesta dissertação:

A violência é um sintoma do social?

O objeto teórico deste estudo é a análise do conceito de violência, quando implicada no campo social, a partir de textos psicanalíticos que se detenham em demonstrar tal articulação.

Isto não significa desqualificar outras análises que diversos campos do saber oferecem sobre o assunto. Reconhecemos que nosso estudo não o esgota; antes, propõe-se contribuir, trazendo elementos que possam enriquecer a discussão, sempre atual, sobre o problema.

Ao destacar os atos violentos originários de determinada população, acreditamos que a teoria psicanalítica possa manifestar-se de maneira significativa, pois seu aparelho conceitual aborda o sujeito tanto em sua singularidade como na relação com o semelhante, vertente pela qual desejamos avançar. No entanto, não é nossa pretensão aprofundar-nos demasiadamente em pormenores da Metapsicologia freudiana. Centramos nosso interesse norteando as leituras no texto psicanalítico, dele fazendo um leme para a trajetória pretendida.

É possível que se pergunte por que abordar um tema tão polêmico pela via da Psicanálise, quando dispomos de férteis pesquisas no campo da Sociologia, da Política, da História e da Antropologia. É nossa convicção, no entanto, na prática profissional, que a Psicanálise se

apresenta, enquanto práxis e teoria, até então, como a produção humana que melhor aborda o complexo que chamamos de “sujeito”.

Privilegiaremos na Psicanálise a obra de Freud, com eventuais cotejos com a teoria lacaniana. Tomar Freud e Lacan implica abordar um mesmo assunto em dois autores distintos.

O pensamento de Freud, amplamente divulgado, funda um novo campo de saber, marca de uma ruptura epistemológica - não só em sua época, no que interpela o discurso do determinismo científico, mas também no cerne do humano, quanto à descentralização da consciência. Esse saber se inscreve em Lacan numa proposta de retorno aos textos freudianos, num rigor teórico reconhecido pelos pensadores contemporâneos. Pretendemos assinalar diferenças conceituais em ambos, de forma a preservar as dissimetrias, pois reconhecemos uma descontinuidade teórica que, no entanto, não se estende a uma contradição ou a uma antinomia epistemológica.

Se os dois autores são solidários na clínica do discurso como matéria-prima de uma prática, tomam posições distintas quanto ao respaldo teórico. No desdobramento de Freud a Lacan devemos pensar num longo caminho. Este último não trabalha somente com textos freudianos, mas também recorre à Filosofia, à Lingüística, à Matemática,

à Lógica moderna, à Física, assim como às artes em geral, retirando desses e de outros contextos as contribuições possíveis para a Psicanálise. Desliza em vários campos de investigação, o que lhe possibilita avançar teoricamente com relação a Freud.

Freud aproxima-se da Psicanálise com o texto *A interpretação das afasias* (1891), que trata das perturbações da fala pela via da subversão dos estudos neurológicos de sua época. Faz uma escansão que se torna o caminho para o lapso, o chiste, o ato falho e o sonho. Suas observações sobre o “deslocamento” e a “condensação” estão presentes desde os primeiros trabalhos. Mas é a partir de Lacan que poderemos falar na introdução da teoria lingüística na Psicanálise. Essa concepção lacaniana argumenta que o sujeito é efeito do discurso e que o meio onde circula o humano, na verdade, é o da linguagem. “O inconsciente é a condição da lingüística”, dirá ele no prefácio do livro de A. Rifflet-Lemaire (apud MARINI, 1991)

A abordagem lacaniana remete a dualidade freudiana, sujeito-objeto, a um outro patamar - o da estrutura formal da linguagem. Apoiado nesta noção, traz o signo lingüístico como elemento príncipes do registro simbólico. Temos, a partir dele, o sujeito representado numa cadeia de significantes, e talvez sua contribuição mais *significativa* seja a construção do conceito de objeto a, que parte

da concepção do objeto do desejo enquanto uma falta: ponto irrecuperável nessa estrutura da qual irrompe um sujeito.

Convém assinalar que, na obra freudiana, não há uma análise da violência. Os textos que selecionamos para nossa pesquisa têm uma interligação com várias noções psicanalíticas e poderiam ser relacionados em três grupos distintos:

- os que tratam dos aspectos intrínsecos à própria constituição subjetiva, incluindo aí os conceitos de sadismo e masoquismo em sua específica ligação do sujeito com o objeto, pela operação pulsional, não deixando de lado a primeira abordagem de violência na teoria: a noção de trauma e sua eficácia patológica;

- aqueles que se detêm diretamente na criminalidade e na delinqüência;

- os textos chamados culturais, que abordam a questão pela via do *mal-estar*, resultante da exigência da civilização de dominar a natureza pulsional.

Outro aspecto que merece ressalva é lembrar que nosso interesse não se esgota numa perspectiva solipsística. Dedicamos esta dissertação à intrincação do particular com o social.

Em Freud, o contraste entre a Psicologia Individual e a Social, ou de grupo, é esvaziado. Em seu entender, o chamado "indivíduo" estará sempre em contato com um outro:

"Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também, psicologia social".(FREUD, 1921, p.91)

Iniciamos nossa pesquisa motivados por significativa experiência. Tivemos oportunidade de testemunhar algumas das expressões da violência ao exercermos, durante algum tempo, a função de psicólogo num trabalho institucional, no Juizado de Menores do Rio de Janeiro. Os clientes eram adolescentes juridicamente considerados infratores, devido aos atos cometidos: assaltos, furtos, estupros e outras violências físicas. Tais jovens estavam inseridos num contexto sócio-econômico bem desfavorável, que os excluía do sistema educacional, do mercado de trabalho e do acesso a bens de consumo. Em nossa sociedade, em que vigora uma "aparente" democracia racial, também a cor parda ou preta, na grande maioria dessa população apreendida pela polícia, chamava-nos a atenção.

Diante de um contingente de cerca de quatrocentos clientes, formulamos questões teóricas que ora desejamos desenvolver. Seria uma fotografia de nosso contato com determinada formação subjetiva, sua inserção numa cultura singular, lembrando, no entanto, que naquela ocasião proliferavam dificuldades teórico-clínicas. A práxis construída a partir daí cuidou para que todo o trabalho com o *menor* tomasse uma direção particularizada - caso a caso -, distante de qualquer visão uniforme, massificada, o que constituiria uma leitura simplista, provocada pela situação econômica e social.

Buscando na percepção de outros profissionais experiências compatíveis com aquele momento, encontramos no trabalho de Vilhena (1991) comentários que parecem bem pertinentes, situando com precisão algumas dificuldades há pouco apontadas. Diz a autora:

“(...) parece-nos fundamental examinar, também na clínica exercida em instituições públicas, qual o lugar designado a esta população. Amparados em teorias, quase sempre etnocêntricas, deixando de lado outras formas de construção da subjetividade, outros códigos lingüísticos, outros ethos e formas de pertencimento, retira-se desta população sua categoria de sujeitos, cuja marca identificatória passa a ser a patologia social - ‘população carente’: reduzidos a seres da necessidade deixa-se de lado o sujeito do desejo.” (1993, p.3)

Acredita que, se tais pacientes são considerados como de “segunda categoria”, muitas vezes os profissionais contratados para atendê-los também o são, e esse somatório de carências fica reforçado pelo preconceito e desconhecimento do atendimento proposto. Chamamos atenção, em sua análise, o caráter problemático que diferentes segmentos sociais demandam das práticas clínicas, até incorrer em descaso teórico.¹

Com relação ao interessantíssimo *Condomínio do Diabo*, Alba Zaluar (1994), em seu profícuo trabalho de campo, apresenta-nos o tecido marginal produzindo determinada cultura ou, como a outra face da mesma moeda, sendo produzido por ela.²

No texto, a autora traz esse “tecido” como produto do contexto sócio-econômico-político, sem deixar de lado, no entanto, as motivações individuais ou grupais presentes no “círculo vicioso que está levando tantos jovens à morte numa guerra nunca declarada” (p. 268).

¹O verbete *social*, que em nosso entendimento diz respeito a uma construção humana, segundo Ferreira, Aurélio (1986) seria aquilo que interessa a uma sociedade, como um fenômeno social; enquanto que o *econômico* refere-se à Economia, como ciência que trata dos fenômenos relativos à produção, distribuição, acumulação e consumo de bens materiais.

²Como *cultura*, tomemos a definição de Ferreira, Aurélio (ibid.), no sentido do que se transmite, de civilização: “(...) o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente, e característicos de uma sociedade.”

Tanto o *cultural* como o *social* e o *econômico* não têm nada de inato. Se a historicidade se presentifica nos aspectos sociais e culturais, já tem um distanciamento maior da questão econômica, que se circunscreve mais no campo das ideologias.

Comentando rapidamente sua obra, Zaluar (ibid.) trabalha o texto com um acento na tragédia social: "(...) todo mundo sabe o fim dos bandidos pobres: morrer antes dos 25 anos" (p.7).

Seu olhar antropológico não se desvia da cultura e das implicações sócio-políticas. Traz o desemprego, principalmente dos mais jovens; o desamparo do Estado e uma designação simbólica de "criminoso" como os elementos capazes de fixar esse personagem nessas condições. A formação dos bandidos constituiria o contexto de "luta diária pela sobrevivência e seus inevitáveis conflitos" (ibid.). O comércio de drogas veicula a transgressão e instaura o mercado marginalizado, inclusive de mão-de-obra. Continuando seu pensamento:

"(...) Pois são esses jovens que, de usuários, passam a comerciantes ou empresários do tóxico, o que os leva numa escalada de existência exclusiva e de adoção de métodos violentos".
(p.9)

A motivação para o crime oscila no binômio *trabalhadores x bandidos*, significantes que, na verdade, esclarecem a que identidade pertence cada morador dessas comunidades. A aversão por um emprego dar-se-ia por reconhecerem aí um regime semelhante ao da escravidão; ou seja, o da submissão a um patrão autoritário que os humilhe, vigie e não os reconheça a partir de sua individualidade. Na visão da autora, outros heróis são tomados como modelo, já que o próprio pai se submete

a essa árdua rotina, que chega à exploração. Menciona até os antigos modelos de identificação, os malandros simpáticos de outrora, substituídos hoje em dia pelos perigosos bandidos armados até os dentes, que freqüentam as comunidades estudadas. Segundo nossa leitura, a autora traz o meio impondo-se sobre o sujeito nele inserido.

Conforme dizem seus pesquisados, “revólver na cintura impõe respeito” (p.10). Ou, ainda: “ser um matador” e “ter disposição para matar” são ícones respeitados, e assim se torna imperioso empunhar as armas. O ingresso nessa curta vida é uma via de mão única, sem possibilidade de retorno, pois os próprios colegas encarregam-se de não deixar parar. Trata-se de uma engrenagem, na qual a polícia corrupta é odiada e desprezada, como um verdadeiro inimigo comum. Zaluar depreendeu que um dos motivos do ingresso nesse esquema poderia ser uma situação (como prisão ou tortura), em que um trabalhador seria obrigado a armar-se, por revolta contra a humilhação e injustiça sofridas. Ou seja, segundo a mesma autora, a motivação poderia encontrar-se no campo reacional para provocar a ligação de alguém a um grupo de bandidos, como necessidade de sobrevivência.

Apesar de ser um campo de pobreza e de tráfico de drogas, a pesquisadora reconhece nele uma regulamentação que opera independentemente das armas. Entre os bandidos ela extrai uma ética,

que funciona com leis, tais como: o bom bandido não rouba as pessoas do lugar, mas apenas as de bairros ricos da cidade. E a lógica para a prática dos assaltos, além da atividade do tráfico de drogas, estaria na necessidade de municiar-se constantemente e pagar propinas à polícia.

Sua pesquisa informou-lhe ainda que

“Não se trata apenas de assaltar para ter acesso aos bens de consumo valorizados na nossa sociedade, que são símbolos através dos quais construímos nossas identificações e marcamos nossas posições sociais. Trata-se também de assaltar para conseguir dinheiro cada vez mais necessário na manutenção do comércio e na alimentação dessa engrenagem inexorável do crime organizado. Uma engrenagem que vincula o bandido pobre a certos policiais pela corrupção, que o aprisiona à quadrilha pela lealdade devida, que o submete à hierarquia da organização, que o usa como condenado sem julgamento e como bode expiatório que o faz pagar com sua própria morte os crimes dessa gigantesca rede organizada, a qual ele próprio desconhece, deixando os poderosos chefes impunes.” (p.12)

A partir dessa exposição, o binômio *violência x pobreza* torna-se facilmente articulável, mas é importante ressaltar que devemos afastar uma leitura ingênua que possa interpretar a violência como a única opção diante da pobreza. Nesse binômio não há uma aliança indissolúvel.

É comum falar-se de violência apenas enquanto “sintoma do social”. Percebemos, no entanto, que a perspectiva que tomamos - a via do ato - é concepção que porta um conflito quanto ao conceito de “sintoma” - uma formação do inconsciente. É importante determo-nos nesta conceituação ao iniciar a pesquisa teórica. Corrobora Freire (1986), ao dizer que estamos diante de um “ato do desejo”. A discussão parece-nos fértil, pois o sujeito freudiano, marcado pelo incesto, funda-se num ato violento, o mito primevo de *Totem e Tabu* (FREUD, 1913), que se reatualiza no momento do Édipo. Veremos adiante que o homem carrega, de forma indelével, essa marca do “atentado” contra o outro, que, paradoxalmente, enquanto permite o laço social, estabelece o sentimento de culpa em relação ao semelhante. A partir da análise de alguns mitos freudianos, aqueles mais identificados com o matiz da violência, tentaremos esmiuçar o fundo etiológico desse fenômeno.

Na carta escrita a Einstein, em 1932, Freud não parecia ter dúvidas de que os homens se inflamam diante da guerra por um instinto de ódio e destruição que jaz em sua constituição. O termo “instinto”, aplicado ao universo humano, passa a conotar “pulsão”.

Mesmo correndo o risco de nos tornarmos repetitivos, registramos que esse constructo teórico freudiano dificilmente poderia

ser estudado sem que fizéssemos correlações com a fantasia, o trauma e as noções de sadismo e masoquismo. Verificaremos ainda como a constituição pulsional faz sua aparição desde a mais tenra idade no ser falante, através de sua sexualidade, ou seja, das primitivas relações com o objeto.

Finalmente, a formação do "eu" será pesquisada em textos de Freud e de Lacan, sublinhando-se a tensão interpessoal que acompanha o nascimento dessa instância. A responsabilidade da família quanto à transmissão de valores também será levada em conta. Entre o eu e o outro caberá verificar como se cruzam, no campo da subjetividade ou da coletividade, os elementos até aqui assinalados. A Psicologia de grupo estudada por Freud (1921) como processo de identificação também fará parte deste percurso. Ele descreve a via do líder e da sugestão. Mas é uma vertente que, no nosso entender, não esgota a problemática.

Permitimo-nos concluir tecendo algumas considerações sobre o mundo capitalista, no qual se inserem os sujeitos que estudamos. Será a articulação possível entre a violência, a esfera da linguagem e o meio onde se sobrevive. Que conseqüências podem advir para uma sociedade que faz do consumo seu fim, buscando aí um lenitivo para o sofrimento e o *mal-estar*?

Cumpra asinalar que a compilação do aporte teórico deste trabalho encontra-se na razão direta de nosso crescente interesse pelo tema, gerado não só pelo impacto que nos causou a referida experiência, mas também por nossa vida como cidadã, igualmente acossada pelo mesmo tecido violento.

Trabalhar um aspecto da vida humana ligado ao social, em Psicanálise, muitas vezes pode ser visto como um verdadeiro *tabu*, no sentido freudiano: se se atreve a avançar num certo domínio, a desgraça pode abater-se. Mas, se aceitamos este desafio, é por entender que os psicanalistas precisam extrapolar as paredes dos consultórios particulares e, tal como nos ensinou Freud, posicionarem-se numa ética que toma a própria clínica como ponto de partida, ou seja, com o conhecimento que a investigação no contexto de cada paciente lhes proporciona.

Rejeitamos as vestes de especialista sobre o assunto. Participamos da convicção de que a visão formada em torno da violência é que irá determinar parâmetros no sentido de uma solução. Estamos, portanto, longe de uma análise tendenciosa, que reduza os fatos à teoria, ou vice-versa; ou ainda da pretensão de solucionar o problema da violência. A aproximação da Psicanálise à delinquência ainda se dá em

compasso discreto. Mas, mesmo assim, autorizamo-nos a dar este passo na academia, como um compromisso ético que vise um bem-estar comum.

Quando tomamos a Psicanálise como campo de referência, pensamos em nortear nossas reflexões, levantando novas contribuições sobre o tema e, não, como uma "*weltanschauung*" (visão do mundo) - uma grande verdade inquestionável.

2. SINTOMA DO SOCIAL?

Os Filhos da Época*Wisława Szymborska*³

Somos os filhos da época,
e a época é política.
Todas as coisas-minhas, tuas, nossas,
coisas de cada dia, de cada noite
são coisas políticas.
Queiras ou não queiras,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um brilho político.
O que dizes tem ressonância,
o que calas tem peso
de uma forma ou outra - político.
Mesmo caminhando contra o vento
dás passos políticos
sobre solo político.
Poemas apolíticos também são
políticos,
e lá em cima a lua já não dá luar.
Ser ou não ser: eis a questão.
Oh, querida que questão mal parida.
A questão política.
Não precisas nem ser gente
para teres importância política.
Basta ser petróleo, ração,
qualquer derivado, ou até
uma mesa de conferência cuja forma
vem sendo discutida meses a fio.
Enquanto isso, os homens se matam,
os animais são massacrados,
as casas queimadas,
os campos se tornam agrestes
como nas épocas passadas
e menos ... políticas.

³ A poetisa polonesa Wisława Szymborska foi prêmio Nobel de Literatura em outubro de 1996. Traduzida por Ana Cristina César (in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1996).

2.1 - A VIOLÊNCIA E A DELINQUÊNCIA

Elegemos fazer um recorte, no interior de uma experiência de trabalho, daquilo que talvez nos tenha colocado no caminho das mais instigantes reflexões: a violência. Tal era a qualidade de vida dos jovens delinquentes estudados que os atos violentos aí se inseriam como rotina desde a mais tenra infância, manifestando-se precocemente como forma de comportamento. É essa violência ao semelhante que distingue a espécie humana da animal. Enquanto se pode afirmar que esta última apenas mata quando sua sobrevivência está em jogo, o que se pode dizer da primeira? O que motivaria exatamente o ser humano a atentar contra o semelhante? Poderíamos considerar como preponderantes as desfavoráveis condições econômicas e sociais ou seriam atos marcados pela singularidade, implicando cada sujeito com uma história e um desejo?

Conhecemos, desde Freud, que a chamada “realidade” é, para o ser humano, a “realidade psíquica” e, portanto, não há uma correlação irreduzível entre o meio e o psíquico. Sabemos também que nem todos os sujeitos reagem da mesma forma aos impasses da vida. Nesta linha de pensamento, nem todos os componentes da mesma comunidade são envolvidos pelo crime como forma de buscar a sobrevivência. Por outro lado, é fato irrefutável que a delinquência não é exclusividade das

classes desfavorecidas. Mas, na contramão dessas reflexões, esbarramos num processo maciço de “fabricação” de delinqüentes, apoiado numa conjuntura de carência econômica, em que o aparelho policial do Estado mostra sua impotência, e a avidez de consumo engendrada pelo capitalismo derrama sua lava. Somos tentados a verificar o quanto é possível essa chamada influência social produzir nos sujeitos certos comportamentos. Tentemos uma contribuição teórica, guiada pelas mãos da Psicanálise, que possa elucidar algumas de nossas questões.

2.2 VIOLÊNCIA: SINTOMA OU ATO?

Verificamos, nos noticiários e outras veiculações, que *sintoma social* é expressão que pretende afirmar um tipo de comportamento que tem sua causa numa determinada circunstância impregnada socialmente. No entanto, o rigor psicanalítico leva-nos a reconsiderar tal conceituação sobre *sintoma* e, de maneira textual, estabelecer uma articulação com a expressão da violência enquanto ato.

2.2.1 O Sintoma e o Retorno do Recalcado

O sintoma, no dizer psicanalítico, refere-se à manifestação de uma satisfação substitutiva do desejo recalcado, que retorna em forma de sofrimento. O sintoma porta uma constituição semelhante à construção onírica, e foi por aí que Freud começou a escutar as histéricas: por aquilo que as fazia sofrer. Quando emerge, já é um derivado distorcido da realização do desejo libidinal inconsciente. Ao publicar, juntamente com Breuer, em 1893, a “Comunicação preliminar”, aparece a face simbólica da estrutura do sintoma:

“A mãe de uma criança muito doente, que finalmente adormecera, concentrou toda sua força de vontade em manter-se imóvel a fim de não despertá-la. Precisamente por causa de sua intenção, produziu um ruído de “estalo” com a língua.(...) Esse ruído se repetiu numa ocasião subsequente em que ela desejava manter-se perfeitamente imóvel, tendo dele surgido um tique que, sob a forma de um estalido com a língua, ocorreu durante um período de muitos anos sempre que ela se sentia excitada.(...) Em outros casos a conexão causal não é tão simples. Consiste apenas no que se poderia denominar uma relação “simbólica” entre a causa precipitante e o fenômeno patológico - uma relação do tipo da que as pessoas saudáveis formam nos sonhos.” (p.43)

Em 1894, Freud publica *Neuropsicoses de defesa*, resultado de seu trabalho na clínica, e a questão das *Formações Substitutivas* (que

substituem conteúdos inconscientes). Ambos serão fundamentais para o entendimento da formação dos sintomas.

Laplanche e Pontalis, em seu *Vocabulário* (1970), lembram que a satisfação substitutiva pode ser entendida, no quadro da teoria econômica da libido, o que representaria a eleição de uma outra satisfação ligada à redução de tensão. O sintoma se produz, pois há uma proibição do ego de acesso a um desejo de natureza sexual, de forma que a satisfação é processada à maneira infantil de obtenção de prazer. A libido deve retirar-se do ego e transferir sua energia ao conteúdo recalcado do sistema inconsciente. Ora, se entendermos o inconsciente dentro de uma conceituação lacaniana que o traduza como efeito de linguagem, tal transferência de catexia dar-se-á como metáfora. Na gramática é que se operariam os sintomas neuróticos.

O fundamental, em nosso recorte, é o sentido que o sintoma porta. Não se trata de uma noção puramente quantitativa. Há ligações associativas entre o sintoma e aquilo que ele substitui. Repetimos que é de *substituição simbólica* que se trata, “produto do deslocamento e da condensação que determinam o sintoma na sua singularidade” (Laplanche, p. 263). O sintoma histérico desmancha-se pela via das palavras, fazendo o percurso inverso ao de sua origem, ou seja, pela análise de seu sentido.

Publicado em 1905, *Três ensaios sobre sexualidade* descreve os sintomas como constituindo a atividade sexual do paciente. Ratifica os sintomas como substitutos de

“diversos processos psíquicos, desejos e vontades emocionalmente carregados de energia libidínica que, por obra de um processo psíquico especial (repressão), foram impedidos de obter descarga em atividade psíquica admissível para a consciência.” (p.166).

Na fobia do “Pequeno Hans”(1909), a etiologia da formação de um sintoma e toda a sua vertente simbólica tornaram-se muito bem esclarecidos. Hans substituiu o pai por um cavalo e assim estruturou seu “medo” de que o cavalo o mordesse, devido à culpa pelo desejo incestuoso.

“(…) a substituição do pai por um cavalo. É esse deslocamento, portanto, que tem o direito de ser denominado de sintoma (…)” (1925, p.125) (grifo nosso)

Freud comenta que, se Hans, ao invés do medo de cavalos, tivesse desenvolvido uma inclinação para maltratá-los, isto não seria considerado um sintoma, pois se manteria seu impulso agressivo contra o objeto para o qual estava dirigido, e o que se presentifica no sintoma é exatamente a operação de transformação pelo recalque. Pensamos neste

ponto como um verdadeiro divisor de águas entre a estrutura do sintoma e o ato violento.

Selecionamos ainda as duas conferências proferidas sobre o assunto em 1917. Na primeira, (*Conferência XVII*), é textual sobre o sentido dos sintomas, assim como o dos sonhos, atos falhos e chistes e sua conexão com a vivência do paciente. Ou seja, está chamando nossa atenção para o caráter de extrema dependência da singularidade de um sintoma em relação à experiência do sujeito.

Na *Conferência XXIII*, “*Os caminhos da formação dos sintomas*”, Freud define:

“Os sintomas (...) são atos, prejudiciais, ou , pelo menos, inúteis à vida da pessoa, que, por vezes, deles se queixa como sendo indesejados e causadores de desprazer ou sofrimento.” (p.419)

Em 1926, no texto *Inibições, sintoma e ansiedade*, o sintoma continua como sinal e substituto de satisfação pulsional, consequência do recalque.

Melman (in Kaufmann, 1996) analisa a posição de Freud como aquele que ouviu do sintoma histérico a incapacidade de expressão da histérica. No limite da fala, cultural e historicamente definido ou reservado a um ser de um sexo, estaria a tentativa de burlar a castração.

2.2.2 A Estrutura do Ato

A estrutura de ato na obra freudiana remete-nos à relação do sujeito com os *atos falhos ou sintomáticos* e ao "*acting out*". Não consideramos próprios para nosso interesse os atos obsessivos, nos quais "o cerimonial é executado como se tivesse que obedecer a certas leis tácitas"(1907, p.122) , ou seja, na via do sintoma. Assim, encontramos em 1901, na *Psicopatologia da vida cotidiana*, que os atos falhos, falhas de escrita, fala e audição, assim como os esquecimentos, assinalam, de forma sintomática, um desejo inconsciente. Chama-os de *formações do inconsciente*, junto com os sonhos, os chistes e os próprios sintomas, que estariam longe de representar um mero acaso.

Já o "*acting out*" aparece sempre ligado à clínica. Primeiramente no *Caso Dora* (1905), em suas considerações sobre a transferência, e mais adiante no texto "*Recordar, Repetir e Elaborar (Novas recomendações sobre a Técnica da Psicanálise II)*", de 1914, no qual o "*acts it out*" (traduzido do alemão "*Agieren*") não se aplica a uma recordação de um fato do passado, mas a sua reprodução em forma de ação, sem saber-se o que se está repetindo. "Enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição"(p.197) , dirá Freud, que também esclarece que a atuação pertence ao campo da transferência e provoca a interpretação. Conceitua tal compulsão como a

substituição de um impulso a recordar. Entendemos que apareceria aqui o impossível de se dizer numa análise.

Fazendo uma ponte dessas primeiras investigações para o texto posterior de 1920 - *Além do Princípio do Prazer* -, vamos encontrar a pulsão de morte como o motor de tal repetição. As moções pulsionais viriam do “isso”, mas não chegariam à representação pela via da associação livre (mais adiante nos deteremos em tais conceitos).

Lacan, em seu ensino, irá diferenciar duas categorias: *passagem ao ato* e “*acting out*”. No seminário inédito, “A angústia”, na lição de 16 de janeiro de 1963, tece considerações sobre essas duas estruturas. O “*acting*”, para Freud, solicita decifração, como uma verdade não conhecida, ainda não simbolizada no tratamento psicanalítico. Concorde, também, que o campo da transferência é propício para tornar possível essa fala.

Já na *passagem ao ato*, o sujeito passa a ocupar um lugar de risco numa ação: suicídio, agressão, acidentes, atos violentos, delitos, etc. O que faz um sujeito lançar-se ao acidente ou deixar-se cair (“*niederkommen*”), como no caso da paciente de Freud, a jovem

homossexual? Dirá ele que o impulso é o mesmo que move o sujeito de estrutura melancólica (psicose) a atirar-se de uma janela. Este se retira da "cena" onde vive, identificando-se a um objeto rejeitado.

Estamos interpretando o "*acting*" como um processo inconsciente de rompimento da resistência, e a *passagem ao ato*, mais como um fenômeno na estrutura, uma emergência pulsional excessiva, que impregnaria o sujeito, deixando-o sem as próprias referências no suporte simbólico. Como trata Lacan, o sujeito não opera uma passagem de perda ou luto de um objeto. Ele próprio é que é o perdido da cena. O que vale dizer que não há suporte da ação, nem mesmo numa fantasia. É puro ato, que escapole de qualquer simbolização. Mas não seria esse ato o portador de uma mensagem - como se o aparelho psíquico ficasse incapacitado de elaborar as tensões pela via psíquica, ou pela cadeia de significantes (como preferiria Lacan), e o sistema de descarga de tensão se desse pela atividade motora? Transpondo esta indagação para as situações vivenciadas pelos jovens delinquentes observados, somos tentados a pensar que, neles, a passagem ao ato se verificava como uma constante. Tal risco estava sempre presente em suas vidas - desde o cotidiano até o próprio delito.

No sintoma, há um sujeito que se queixa, que utiliza a linguagem verbal como portadora de uma mensagem. É distinto da estrutura do ato.

Costa (1986) define *violência* como “*moção inconsciente*”. Destaca o movimento da pulsão que tende à destruição, sem “mediação de nenhum motivo ou interesse da razão”(p.30). Concordamos, quanto ao sentido de ato, em nossa formulação teórica ⁴.

No compêndio preparado por Kaufmann (1986), encontramos alguns estudiosos da delinqüência e da criminalidade que levam em conta a passagem ao ato como determinante no delito.

É o caso de Jean Pinatel (1977), que propôs um novo modelo de personalidade do delinqüente, sublinhando a passagem ao ato. Estaria na base da personalidade do delinqüente seu egocentrismo, a labilidade

⁴ O conceito de *violência* freqüentemente confunde-se com o de *agressividade*. Para um esclarecimento, tomamos do dicionário “Aurélio” (Ferreira, *ibid.*) os dois verbetes:

“*Agressividade*- 1- qualidade de agressivo; 2- disposição para agredir; 3- dinamismo, atividade, energia, força; 4- Psicol.: Disposição para o desencadeamento de condutas hostis, destrutivas, fixada e alimentada pelo acúmulo de experiências frustradoras.”

“*Violência*- 1- qualidade de violento; 2- ato violento; 3- Ato de violentar; 4- jur.: Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação.”

afetiva, a indiferença e a agressividade, ou seja, os mesmos elementos que estariam na base da passagem ao ato.

Gilbert Diatkine (1984) também encontrara na passagem ao ato o fundamento para deduzir que sujeitos sob tensão psíquica podem evitar a elaboração mental e, assim, dar respostas atuadas.

Adiantemos o que Freud nos traz em *Totem e tabu*: “No princípio foi o ato”, repetindo Goethe. Ato como oposição à bateria significativa, às regras, às normas e à própria cultura.

2.3 A PSICANÁLISE E OS TEXTOS SOBRE CRIMINALIDADE E DELINQUÊNCIA

A noção de “passagem ao ato” parece-nos implícita nos trabalhos sobre criminalidade.

O primeiro artigo em que Freud menciona a criminalidade é o de 1906 - “A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos”. Segundo informações do editor inglês, Freud apresentou esta conferência em junho daquele ano, a pedido de Löffler, um professor de

jurisprudência em Viena. Em 1916, torna a escrever sobre a psicologia do crime: “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”. Em 1931, examinou “O caso Halsmann”, e Jones menciona um escrito de 1922 sobre um caso de estupro, que se perdeu. No entanto, são breves artigos que, ao nosso ver, tentam retirar o acento das tendências levantadas por Lombroso a respeito do “homem criminoso”, como as da influência do meio social, que se baseavam no caldo da “cultura da criminalidade”, de Dürkeim.

No primeiro dos artigos, Freud propõe-se analisar a eficácia dos métodos de investigação utilizados pelos tribunais para julgar o réu culpado ou inocente. Tais métodos, desenvolvidos por Bleuler e Jung, baseiam-se na associação de palavras-estímulo apresentadas ao indivíduo com relação a fatores como o tempo, a palavra-reação, etc. Comenta que uma reação é desencadeada quando a palavra-estímulo toca um complexo atuante. Este método, porém, não pode ser aplicado em interrogatórios. A Psicanálise é um campo afastado da prática judicial, diz Freud, (op.cit., p.115), e uma dificuldade que pode surgir é que, diante do teste, um neurótico possa sentir-se culpado por suas questões internas, independentemente do crime cometido, e reaja como tal. O crime e o sentimento de culpa já são inerentes ao humano. Essa opinião aproxima-se da de Jean-Michel Labadie (in Kaufmann, 1996), segundo o qual os analistas se desinteressam dos criminosos “porque o crime sexual e

sangrento está no próprio cerne de suas concepções originárias da neurose” (p.607). O “verdadeiro” criminoso traz a público o material em que se apóia a teoria psicanalítica, impregnada de assassinatos, atentados ao pudor e incesto.

Passemos então para o texto de 1916. O editor nos informa que esse pequeno ensaio, último de uma trilogia, lançou uma luz sobre os problemas da psicologia do crime na época.

É o texto “Criminosos em consequência de um sentimento de culpa” que fala inicialmente de relatos de sua clínica, nos quais pessoas respeitáveis praticaram furtos, fraudes, e até incêndio voluntário em sua juventude. A análise de tais casos trouxe a revelação de que as ações (ou atos) eram praticadas principalmente por serem proibidas e acarretar para seu autor um alívio mental.⁵

“Este sofria de um opressivo sentimento de culpa, cuja origem não conhecia, e, após praticar uma ação má, essa opressão se atenuava. Seu sentimento de culpa estava pelo menos, ligado a algo.” (p.375)

Ressalta questões já levantadas no outro artigo: que a origem do sentimento de culpa seria proveniente do Complexo de Édipo e

⁵ Ler a respeito do alívio o que Lacan comenta sobre o caso Aimée e o crime das irmãs Papin, lembrando que estes se referiam a psicoses.

constituiria uma reação às duas grandes intenções criminosas - matar o pai e ter relações sexuais com a mãe. E aí os crimes seriam realizados com o propósito de punição inconsciente e de fixar o sentimento de culpa em alguma coisa que aliviasse os sofrimentos, podendo impelir ao crime. Lembra ainda que o parricídio e o incesto são os dois crimes humanos perseguidos e execrados nas comunidades primitivas.

Prosseguindo em sua argumentação, afirma que as crianças fazem travessuras para provocar castigos através dos quais ficam quietas e contentes. O sentimento de culpa que as induziu a provocarem punição pode ser ressituido pela investigação analítica. Freud observa que acontece com criminosos ficarem satisfeitos por serem interpelados e encarcerados por seus crimes. Mas exclui desses casos os criminosos adultos que praticam crimes sem qualquer sentimento de culpa e os "que, ou não desenvolveram quaisquer inibições morais, ou, em seu conflito com a sociedade, consideram sua ação justificada" (p. 376). Tais tipos não seriam, entretanto, a maioria.

O que está sendo sublinhado é o caráter criminoso. O crime passa a encontrar na substância psíquica original de cada ser humano o germe de sua manifestação. Por isso lembrado pelo editor como um texto de bastante influência na criminologia. Freud , no entanto, sugere que sejam criadas medidas punitivas, baseadas nessa nova noção sobre a

psicologia do criminoso, pois o esclarecimento do psiquismo humano não justifica o atentado.

Como terceira abordagem freudiana, conjugando o tema da justiça e da violência, temos o “Parecer do perito no Caso Halsmann”, de 1931. Trata-se de uma opinião solicitada a Freud sobre o julgamento de um jovem acusado de parricídio, em 1929, e indultado em 1930. Na ocasião, o tribunal havia pedido à Faculdade de Medicina de Innsbruck um parecer sobre o jovem. Tal parecer introduziu o Complexo de Édipo e o recalque. Um professor de jurisprudência recorreu à opinião de Freud sobre o caso, e este lhe encaminhou um memorando em que fala da universalidade do Complexo de Édipo nos seres humanos, em graus variáveis de intensidade. Só que, nesse caso, não houve prova de que o rapaz cometera o crime, daí ser desnecessário mencionar a situação edípica. Aliás, lembra que divergências entre pai e filho, denotando mau relacionamento em família, são muito comuns, mas nem por isso podem justificar um assassinato. Repete:

“Precisamente por estar sempre presente, o complexo de Édipo não é apropriado para fornecer uma decisão sobre a questão da culpa.”(p.288)

Agora, onde surge a pesquisa de Lacan sobre a criminalidade? Seu interesse vem de longa data. No início de sua carreira há dois

trabalhos de relevado interesse: sua tese de doutorado - *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* (1932), em que estuda o Caso Aimée (uma paranóica, que, com delírio de autopunição, ataca uma dama parisiense) - e *Os motivos do crime paranóico: o crime das irmãs Papin* (1933). Em ambos, o que lhe interessa é o protótipo do delírio, com auto-acusações do supereu em sua manifestação na paranóia, acompanhado de reação homicida. A tese traz riquíssimas informações sobre teorias psiquiátricas da França, Alemanha, e suas aplicações. Consideramos um curioso trabalho nosológico, mas não criminológico. Fala da anomalia da personalidade da doente Aimée e das causas da psicose. Há, em semelhantes casos, segundo observações do autor, um ataque ao outro, mediante delírios passionais, seguido de queda de convicção delirante. "Um alívio afetivo", diz ele (p.251), em que algo se realiza na paciente, a partir do retorno que lhe causa o ataque violento ao outro. Tal definição coincide com as convicções apresentadas mais tarde sobre a etiologia da paranóia, no "estádio do espelho". O ato das irmãs Papin, um terrível e cruel assassinato cometido por duas irmãs às respectivas patroas, encontra também uma causa passional cujos motivos são dados pelo "delírio a dois". A pulsão agressiva igualmente se resolve pelo assassinato, na passagem ao ato. Como leitor de Freud - Lacan concorda - considera, nessa época, que o "*impulso assassino primordial*" está presente no psiquismo humano, rejeitando uma tese

social do crime. O ódio, em sua mais antiga metáfora - “vou arrancar-lhe os olhos” -, é realizado pelas irmãs .

Em maio de 1950, Lacan faz uma conferência, mais tarde publicada em seus *Escritos*: “Introdução teórica às funções da psicanálise na criminologia”. Sua tese central: “se a psicanálise irrealiza o crime, não desumaniza o criminoso”. Esta é também a tese central dos artigos de Freud, mas, para este, nem o crime nem o criminoso podem ser compreendidos fora de sua referência sociológica. Isto inclui a violência num contexto histórico, que, no entanto, não lhe permite escapar da lei que regula o sistema no qual está inserida. A lei é criação da sociedade, através de um assentimento entre os homens, que faz a relação entre o crime e os castigos. Ambos pensam que o incesto e o parricídio estão inscritos em toda a humanidade pelo Édipo, e que com a lei e o crime começa o homem. Só que a lei forma um código simbólico, e o código interiorizado é a instância do supereu, já observada por Freud, a culpa com a qual todo homem lida.

Cada sociedade se funda na lei e no castigo, e cada indivíduo se vale das estruturas sociais para suas condutas reais. Assim é que nesse texto Lacan aponta, na delinqüência, não um caráter neurótico com disposição ao crime, como desejaria Kate Friedlander, uma “anomalia de estrutura”, mas uma disposição particular do criminoso, que implica uma

tensão agressiva na relação com o semelhante, fixada a partir de sua passagem pelo Édipo.

Desacredita na existência de “instintos criminosos”. Para o autor, seria inadequado achar que o crime é o ato pulsional transbordante, que romperia as barreiras da moral e da intimidação do sujeito. Em toda sociedade há um código de valores que regula, numa escala quantitativa, as tensões agressivas que a massa concentra. Algo na formação daquele sujeito é que não está impedindo a violência. Dá o exemplo de uma criminalidade que pode proliferar desde sua conotação em uma experiência publicitária até um ato político, como forma legalizada e impune pelo Estado. Entra aí no quintal das sociedades totalitárias e nos campos de concentração.

Já Daniel Lagache (1979), em seus trabalhos, desloca um pouco a questão do criminoso e traz a reflexão para o campo da identificação, um dos pontos que pretendemos abordar nos próximos capítulos, ao examinar o laço que se forma entre o sujeito e a cultura.

3. A VIOLÊNCIA E OS MITOS DA PSICANÁLISE

“Na civilização mecânica,
não há mais lugar para o tempo mítico
senão no próprio homem”.

Lévi-Strauss

3.1 OS MITOS

O recurso de utilizar mitos (tanto os próprios, quanto os recolhidos da literatura) em sua teoria aponta na obra de Freud o quanto ele acreditava num saber inconsciente, que se inscreve em crianças sob a forma de fantasias originárias e igualmente na cultura, desde os primórdios dos tempos. Com esta convicção, Freud tratou das questões mais complexas do psiquismo humano:

“No começo era o caos - é o que nos diz Hesíodo na Teogonia. Sobre esse lugar indiferenciado, inabitado pelos deuses e pelos homens, anterior ao primeiro dia e à primeira palavra, cai o mais absoluto silêncio.

“Rompido o silêncio do caos, o que se ouviu foi a palavra enigmática e lacunar do mito contando a história dos começos. Frente ao indeterminado, surge o mito narrando a ordem primeira, ordem esta concebida não como anterior ao caos, mas como resultante do acaso original. O *mythos* é a narrativa desses começos.” (Roza, 1987, p.27)

Trata-se, portanto, de estabelecer um começo e um relato. Isto confere uma dimensão atemporal ao inconsciente, ressaltando sua estrutura simbólica universal. Freud utiliza os mitos, abolindo sua dimensão trágica e reenviando as questões a nossas associações.

Diz Bergeret (1984) que, tal qual uma obra de arte, o mito se presta a muitas interpretações. Como um psicodrama complexo, cada um pode reconhecer-se ou encontrar-se em algum nível de interpretação.

Para Lévi-Strauss (in Lacan, 1987), há uma eficácia simbólica do mito, pois ele oferece um campo de passagem dos sentimentos mais internalizados ao registro simbólico ou à expressão verbal.

Lacan (1987) também comenta o mito pela construção ficcional que cada sujeito constrói sobre si:

“O mito é o que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade, porque a definição da verdade não se pode apoiar senão em si mesma, e é enquanto a palavra progride que ela a constitui. A palavra não se pode apreender a si mesma, nem apreender o movimento de acesso à verdade, enquanto verdade objetiva. Ela apenas a pode exprimir - e isto, de um modo mítico.”(p.47)

Até na linguagem poética encontramos Fernando Pessoa concordando com Freud. Diz ele que o mito “é o nada que é tudo”. Diante da impossibilidade do dizer, o homem cria matrizes discursivas que lhe permitem expressar-se.

Freud procura encarnar nossa aventura humana neste mundo, lançando mão de alguns mitos. Está descartada, sob este prisma, qualquer correspondência histórica, já que o mito vem correlacionar-se a uma anterioridade desconhecida, só passível de significação pelas acrobacias lingüísticas.

3.1.1 Totem e Tabu

O mito utilizado por Freud para dar conta da instauração da lei e da cultura é o de Totem e Tabu (Freud, 1913), a partir de um ato de extrema violência - o parricídio. Parodiando Goethe, em *Fausto*, ele diz: "No princípio foi o ato". Pretendemos tomar esse ato como uma metáfora que tente articular a entrada do homem na cultura, alienando-o ao semelhante, em sua organização social.

Apoiado numa concepção darwiniana, Freud traz-nos a absoluta anterioridade da civilização (ou o princípio), reportando-se a um tempo em que não havia lei, e o homem primitivo vivia em pequenas hordas, cada uma sob o domínio de um macho poderoso:

“Nenhuma data pode ser atribuída a isso; (...) é provável que essas criaturas humanas não tivessem progredido muito no desenvolvimento da fala. (grifo nosso) (...) O macho forte era senhor e pai de toda a horda, e irrestrito em seu poder, que exercia com violência. Todas as fêmeas eram propriedade sua - esposas e filhas de sua própria horda, e algumas, talvez, roubadas de outras hordas. A sorte dos filhos era dura: se despertavam o ciúme do pai, eram mortos, castrados, ou expulsos. Seu único recurso era reunirem-se em pequenas comunidades, arranjarem esposas para si através do rapto, e quando um ou outro deles podia ter êxito nisso, elevarem-se a uma posição excepcional.”(1939, p.100)

Tal horda, sob a égide de atos violentos, está constituída num campo em que há carência simbólica, segundo Freud (pois não há progresso no desenvolvimento da fala). O pai todo-poderoso, semelhante aos grupos dos grandes símios, um tirano, teve a sua morte assim tramada:

“Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior). Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais, e da religião.” (1912, p.170)

Nosso interesse concentra-se na significação da violência elaborada através do mito. A que assassinato refere-se Freud?

O pai, como em outros trabalhos de Freud (*Mal-estar na civilização*, 1930; *Moisés e o monoteísmo*, 1939), representa o momento anterior ao sujeito. É o pai que a religião destaca, quando fala da criação. Poderíamos pensar que aquele momento, remoto, da origem, viabilizou o nascimento de um sujeito, a partir da morte daquela natureza desprovida de referências simbólicas, propiciando, no mesmo golpe, a entrada para um campo organizado e legitimado por um código lingüístico.

O efeito direto da morte do pai seria a entrada para a cultura. Até que ponto estaria aí assinalado o momento de perda do ser falante, denominado pela metapsicologia *recalque originário*? O recalque implica uma proibição do incesto, ou do *gozo*, como teoriza Lacan. Dito de outra forma, o recalque leva à formulação de uma lei: um contrato entre os filhos assassinos, pelo qual atualizariam sua culpa e sua perda, bem como se assegurariam de que nenhum deles tomaria o lugar do morto. Quer dizer: mataram o pai que os separava do gozo, extinguiram seu ódio com tal ato e perpetuaram um pacto de morte. O pai tem sua existência apenas como um fantasma, mas adquire um poder póstumo.

O impulso de matar apresentou-se como necessário à instauração da lei. E vemos que a morte, de alguma forma, presentifica-se nas religiões pelos sacrifícios; pela entrega do corpo ao suplício, numa expiação de atos culposos:

“A lei apenas proíbe os homens de fazer aquilo a que seus instintos⁶ os inclinam ; o que a própria natureza proíbe e pune, seria supérfluo para a lei proibir e punir. Por conseguinte, podemos sempre com segurança pressupor que os crimes proibidos pela lei são crimes que muitos homens têm uma propensão natural a cometer. Se não existisse tal propensão, não haveria tais crimes e se esses crimes não fossem cometidos, que necessidade haveria de proibi-los?” (FREUD, 1913, p.150)

⁶ Temos interpretado o termo instinto, que aparece nas versões brasileiras, como pulsão. Como tem sido amplamente divulgado, Freud permitiu tal interpretação para facilitar a divulgação de seus trabalhos. Instinct é que seria o correlato de instinto. No original, entretanto, encontra-se “trieb”, ou seja, pulsão.

A comunidade identifica-se em torno do pai-morto. Esse pai, que existiu fora de cada um deles, agora se faz presente na internalização da culpa e provoca novos laços. Se a mãe é imanente pela ordem do “natural”, o pai foi “criado” pela civilização. Pensando no processo da linguagem, sabemos que o sacrifício da coisa (que Freud nos apresenta no *Projeto* como “*ding*”) é o que permite a sua nomeação.

“Freud trabalha o traço, a memória e a impressão como possibilidade de o aparelho psíquico ter notícias do que está ‘fora’, inaugurar-se. Toda impressão externa é interiorizada pela via dos traços, e nossa memória passa a ser daquilo que não está, mas se faz representar por marcas; é memória de representação.”⁷ (PEREIRA, 1996, p.93)

O texto *O Ego e o Id* (FREUD, 1923) vai além: ressalta uma repetição, ou seja: na lógica das representações

“é a repetição que coloca o aparelho a funcionar, pois o que resta em seu interior é, no final do processo, a palavra (“*das wort ist doch eigentlich der Erinnerungsrest des gehörten wortes*”), referida à ‘coisa’ que já não está - ‘coisa’ que já nos foi apresentada pelo som ou pela imagem na categoria de ‘*sache*.’”⁸ (ibidem)

⁷ Na concepção lacaniana, diríamos memória de *significantes*.

⁸ Seria a “*ding*”, investida de alguns traços.

Não nos esqueçamos de que, no mito do “pai-morto”, Freud está falando de um tempo mítico que escapa à linguagem e à cultura, em que o ato pede significação diante da ausência das palavras. Daí a ligação do primitivo com o totem. “*In efigie*”, a imagem simboliza amor e ódio pelo pai, que convergem para a ambivalência emocional na relação entre pais e filhos. Assim se expressa Freud sobre esse substituto paterno:

“A psicanálise revelou que o animal totêmico é, na realidade, um substituto do pai e isto entra em acordo com o fato contraditório de que, embora a morte do animal seja em regra proibida, sua matança, no entanto, é uma ocasião festiva - com o fato de que ele é morto e, entretanto, pranteado. A atitude emocional ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com tanta frequência persiste na vida adulta, parece estender-se ao animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai.” (1913, p.169).

Mais adiante, veremos que *Totem e Tabu* e *Édipo* são mitos interligados na obra freudiana, pois ambos falam dos caminhos que vão do incesto à proibição:

“(...) Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmago - não matar o totem e não ter relações sexuais com os dois crimes de Édipo, que matou o pai e casou com a mãe (...).” (op. cit., p.159)

Repetimos que a organização social é o que advém da morte do pai. Ela promove leis, que ordenam e organizam as trocas simbólicas, instituindo a formação das sociedades. Se o incesto sofre a proibição pelo acordo entre os filhos, a rivalidade e a agressividade entre eles deve ser recalcada. A exogamia empurra os membros da comunidade a procurar parceria sexual pelos laços sociais.

O mito do pai primevo representa a proibição do homicídio e do incesto, na ordem humana, e uma introjeção do que é do campo do pai, representado na ficção pelo canibalismo. Freud lembra que os primitivos só comem a carne dos inimigos admirados para se tornarem tão corajosos quanto eles. Em nossa literatura - por que não dizer "doméstica"? - Darcy Ribeiro (1996) comenta:

“...o texto de Hans Staden, que três vezes foi levado a cerimônias de antropofagia e três vezes os índios se recusaram a comê-lo, porque chorava e se sujava, pedindo clemência. Não se comia um covarde.” (p.34)

A tese de Freud é a de que, nas formações sociais, morais e na religião, estão implícitas relações advindas de pulsões humanas básicas. Os mandamentos religiosos teriam a finalidade de instituir uma lei que proibisse o que já estava presente no desejo humano. A religião

trouxe o “não matarás” como mandamento impossível de ser cumprido, por mais que o remorso e a culpa se esforçassem para implicar o sujeito em seus próprios atos. Na concepção freudiana, o próprio pecado original foi um homicídio.

Ao contrário do que nos informavam alguns textos *psi*, não seria com a mãe a primeira identificação do sujeito com seu semelhante, mas com o pai - e um pai morto, para que o sujeito fosse submetido aos caminhos da lei e da linguagem.

Estamos percebendo que o homem tem, na ligação com a sua “natureza” incestuosa, apenas um resto interiorizado, como culpa, que Freud adiante irá chamar de Super-Eu, e se manifestará no psiquismo a partir do que chamamos “a organização edípica”. A fase edípica reatualizará os dois desejos: a morte do pai e a ligação incestuosa com a mãe.

Quanto ao desejo de destruição do próximo, caberia às instituições legislá-lo, impondo uma ordem moral e social, a partir do momento em que o homem se organizou em grupos. Igreja, família, exército, ciência são campos de discursos que se presentificam na humanidade, cada um com sua ética, incumbidos de reforçar a renúncia àquele impulso de destruição.

3.1.2 O Mito de Édipo

Se *Totem e Tabu* constituem um mito social, que nos remete à nossa imersão num universo simbólico, Édipo retrata de que forma, em cada um, o mito da fundação da humanidade se reatualizaria.

Édipo, conforme o destino lhe revela pelo oráculo ao nascer, mata seu pai, Laio, Rei de Tebas, desposa sua mãe, Jocasta, e, ao dar-se conta de seu ato incestuoso, fura os próprios olhos para punir-se por ambos os crimes. Os estudos de Lévi-Strauss (in Lacan, 1987) demonstram que há várias versões da lenda grega, sendo esta sofocleana a mais tardia (repetição que nos parece um dado interessante), porém nem mais nem menos verdadeira que as outras.

A tragédia grega de Sófocles é convocada por Freud numa analogia ao homem moderno diante de sua saga: descobrir os enigmas da sexualidade. É uma tragédia do desvendamento e diz respeito a “uma das mais importantes fontes do sentimento de culpa com que tão freqüentemente se atormentam os neuróticos” (FREUD, 1916, p.387). A lenda grega, na ótica de Freud, pode ser comparada ao trabalho de uma psicanálise. Édipo vive na ignorância de seu ato incestuoso e, após a revelação, depara-se com o horror que o leva a furar os olhos. O

chamado “complexo de Édipo” refere-se ao que o autor analisou na clínica sobre as pulsões genitais infantis. Para falar desse campo subjetivo, o que está em jogo é a estrutura ternária do desejo indicada por ele. O Édipo é a marca da sexualidade infantil, o que irá promover o recalque devido à fantasia de castração. Ele nos mostra, inclusive, como o sonho do incesto, na clínica, freqüentemente se associa a um sonho de morte do pai. Daí perceber-se que o mito recolhe o conteúdo dos sonhos em seus relatos. Não é à toa que somente em ambos - mitos e sonhos - as fantasias infantis se realizam.

Em que nos interessa trabalhar tal mito? Se não é o objetivo deste momento acompanharmos o rico desenvolvimento tecido por Freud, tentaremos fazer um recorte dos atos violentos inscritos na gênese do sujeito, deslocados desta feita para a trilogia familiar. Vejamos como poderemos interpretar tanto a morte do pai como o ato de furar os olhos. Será novamente algum tipo de carência simbólica o pano de fundo para tais atos?

Os primeiros comentários sobre a relação edípica remontam às memórias de Freud, em meio à correspondência para Fliess (Freud, 1986), do dia 15 de outubro de 1897:

“Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, (...) a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da platéia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual.”(p.273)

Então estamos diante desse “*acontecimento universal*”, que estará em jogo na teoria psicanalítica como “fenômeno central do período sexual da primeira infância” (Freud, 1924, p.217). A humanidade, assim, repete, através do Édipo, na estrutura familiar, a formação de horda, de geração em geração, o cenário original de sua fundação.

O mito de Édipo coincide com a formação dos sonhos.

“Nossos sonhos nos convencem de que é isso o que se verifica. O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis. (...) Enquanto traz à luz, à medida que desvenda o passado, a culpa de Édipo, o poeta nos compele, ao mesmo tempo, a reconhecer nossa própria alma secreta, onde esses mesmos impulsos, embora suprimidos, ainda podem ser encontrados.” (1900, p.258)

O que nos diz Freud é que o menino, no desenvolvimento sexual da primeira infância, chega à fase fálica incestuosamente ligado à mãe e bastante interessado no próprio órgão genital, manipulando-o freqüentemente (FREUD, 1924, p.219). Suas observações lhe mostraram que a fase fálica, contemporânea do Complexo de Édipo, é também o momento em que a criança se sente ameaçada da perda desse precioso órgão, o pênis, pela castração, devido à masturbação. Por via de tais observações, Freud transforma a castração no principal elemento do Édipo. Em 1919, insere nota de rodapé no estudo sobre Leonardo Da Vinci (FREUD, 1919), no qual afirma que também o ritual da circuncisão é inconscientemente associado à castração e que provavelmente seria esse ritual a forma atenuada desta prática da castração nos primórdios da humanidade.

O que começa a tomar corpo na ameaça à criança é exatamente a perda. Perda de um objeto de satisfação. Perda que já lhe foi apresentada pelo seio que se afastou, pelas fezes que se perderam. Mas o que a torna mais próxima da realidade é a verificação dos órgãos femininos: castrados.

A castração, trazida pela ficção grega como o furar dos olhos (que é como castravam as bacantes), privando seu dono do precioso órgão, engendra-se na trama trágica como elemento separador entre mãe

e filho. Sabe-se que, após ficar cego, Édipo irá perambular, buscando um novo caminho. É o que diz Freud, quando nos fala que o complexo de Édipo é submerso pelo período de latência (a “perambulação”), que irá conduzir esse sujeito em formação à busca de uma parceria sexual na adolescência. A mãe deverá ser substituída, e as novas escolhas serão a “sucessão de substitutos” (FREUD, 1914) dessa primeira relação.

O complexo de castração, na menina, teria na leitura psicanalítica uma pequena torção e a condução diferente da sexualidade feminina⁹. Ao se perceber sem pênis, a menina sente-se injustiçada, inferiorizada, construindo a fantasia de que foi castrada. Se para ela a castração é fato consumado, para o menino é da ameaça que se trata. Até agora, estamos percebendo que a construção do Édipo no psiquismo é correlata a um sentimento de perda, necessário para que a sexualidade possa instaurar-se e permitir a conseqüente procriação entre os humanos. A introdução do conceito de falo redimensiona esta questão, quando remete o sujeito a uma falta simbólica, afastando-se da perda de um órgão. Talvez seja esta a deixa para pensarmos na carência de um simbolismo que institua o ato violento.

A partir de 1905, a sexualidade infantil foi tratada com grande interesse. Mas é a partir de 1923 que, em *A organização genital*

⁹ Freud irá trabalhar essa questão detalhadamente em “Sexualidade Feminina” (1931).

infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade), Freud distingue a *primazia do falo*, como fundamental na organização genital final do sujeito. É uma parte do corpo que incitou a criança às suas pesquisas sexuais. Freud liga atos de exibicionismo e agressão, cometidos pelas crianças, a seus empreendimentos em construir uma pesquisa sexual. A pesquisa, já conhecida como *Teorias sexuais infantis*, reflete o desconhecimento da função de reprodução, da origem dos bebês, do “fálico e do castrado” e funciona como uma primeira elaboração fantasiosa, fundamentando o psiquismo. Trata-se, portanto, de uma carência de saber, que propicia a instauração de um complexo de castração, como do desejo de morte do pai. Desta forma, entendemos que é o pai que comparece introduzindo o Édipo, através do temor da castração.

Dor (1991), apoiando-se em teses lacanianas, trabalha a função paterna no campo psicanalítico:

“(...) a noção de pai intervém no campo conceitual da psicanálise como um *operador simbólico a-histórico*. Vamos entendê-la, então, como um referente que apresenta esta particularidade essencial de não estar sujeito à ação de uma história, pelo menos no sentido de um ordenamento cronológico.”(p.13)

Enquanto o pai, em *Totem e Tabu*, precisa ser assassinado para que haja o efeito de renúncia e interdição quanto ao incesto, o pai de Édipo, no momento em que é morto pelo filho, abre-lhe as portas para o gozo incestuoso. É fundamental a saída do Édipo, isto é: derrotar o representante da lei, o pai, para aceder ao próprio desejo. Veremos esta operação no processo de *identificação*.

Freud não apresentou de forma sistemática uma teoria sobre o Édipo. Mas trabalhou em vários textos sua influência na estruturação do psiquismo humano. Desde o estudo com as histéricas, que relatavam a *fantasia de sedução*, tínhamos notícias dessa hipótese, que só veio a ser cunhada como “Complexo de Édipo” após 1910. Foi só no ano de 1920 que esta expressão apareceu no texto *Três ensaios*, de 1905, sob a forma de nota de rodapé:

“Já se disse com justiça que o complexo de Édipo (*grifo nosso*) é o complexo nuclear das neuroses e constitui a parte essencial do conceito delas. Ele representa o ápice da sexualidade infantil, que, através de seus efeitos ulteriores, exerce decisiva influência na sexualidade dos adultos.” (p.233)

Ainda em 1920, em "Identificação", capítulo VII do trabalho *Psicologia de Grupo de Análise do Ego*, reconhece que o Édipo é mecanismo de identificação:

"A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. Este comportamento nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai (ou aos indivíduos do sexo masculino em geral); pelo contrário, é tipicamente masculina. Combina-se muito bem com o Complexo de Édipo, cujo caminho ajuda a preparar.

"Ao mesmo tempo que esta identificação com o pai, ou pouco depois, o menino começa a desenvolver uma catexia de objeto verdadeira em relação à mãe, de acordo com o tipo [anaclítico] de ligação. Apresenta então, portanto, dois laços psicologicamente distintos: uma catexia de objeto sexual e direta para com a mãe e uma identificação com o pai que o toma como modelo. Ambos subsistem lado a lado durante certo tempo, sem qualquer influência ou interferência mútua. Em consequência do avanço irresistível no sentido de uma unificação da vida mental, eles acabam por reunir-se e o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência. O menino nota que o pai se coloca em seu caminho, em relação à mãe. Sua identificação com ele assume então um colorido hostil e se identifica com o desejo de substituí-lo, também em relação à mãe. A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém." (p.133)

Freud apresenta-nos aqui *três* faces distintas da identificação. A *primeiríssima*, ao pai, alienando para sempre o sujeito a seu semelhante; as seguintes montar-se-iam na formação do desejo e do sintoma. Está ressaltando que é um traço do *outro* que se vai buscar na identificação ao semelhante diante de algo que se perde. E a função do Édipo seria ressignificar a primeira identificação paterna, como já vimos, instaurada no psiquismo como perda.

O caso do “pequeno Hans” (1909), que a ocasião infelizmente nos aconselha a não abordar, é também um campo fértil quanto a elaborações sobre a sexualidade infantil e a estrutura edípica.

Tal como Freud, Lacan pensa no Édipo como estruturante, um dispositivo que assegure uma posição sexual ao sujeito. No entanto, estaria em Lacan um matiz de violência tão claro quanto nos trabalhos freudianos? Podemos adiantar que, na clínica com crianças, a vivência do Édipo no terreno da transferência traz os pequenos pacientes sempre às voltas com lutas, super-heróis, disputas nos jogos, uma disposição de “ganhar ou morrer”, etc.

Se o sujeito entra na vida por intermédio de um pai, que intervém como um impeditivo das exigências sexuais dirigidas à mãe,

para Lacan aparece como símbolo, em sua original leitura do Édipo. O autor estabelece, diretamente na estrutura da linguagem, a operação de metáfora para falar do lugar do pai no psiquismo. Considera que se constituiria uma “metáfora paterna” operadora do afastamento entre a criança e a mãe. Ou seja: uma substituição, num símbolo de linguagem, pois o desejo da mãe deve recair sobre o pai, e afastar-se da criança, deixando a herança de uma perda, portanto, um desejo metaforizado. O benefício dessa operação é o recalque originário com a certeza de que essa criança renunciou ao objeto inaugural do desejo. O que temos em Lacan é uma dialetização do desejo, no qual a criança percorre a via de *ser* o falo da mãe (ou seja, o que ela é para o outro), até aceder a *ter* o falo como o pai - uma passagem sustentada pelo simbólico. O Édipo, na obra lacaniana, é deslocado num para-além do mito. É remetido à própria elaboração da estrutura da linguagem e ao que o sujeito falante “perde” com essa passagem do natural ao simbólico. A violência poderia ser pensada no que implica essa perda.

Levando ainda em conta o que ensina Lacan, o sujeito “habita” um espaço psíquico constituído de três registros dispostos como uma amarração de nó: *o real, o imaginário e o simbólico*. O simbólico temos trazido como o espaço possível para o ser falante (no que supomos concordar Freud), permitindo-lhe acessar ao outro (semelhante), ou Outro (com *O* maiúsculo, que é o que a linguagem lhe deixa alcançar). O

real, distinto de realidade, seria o inabitável pela linguagem, aquilo a que o sujeito não tem acesso, a não ser pelo chamado *afeto da angústia*, que lhe dá sinal de existência através do próprio corpo. O real seria a morada do “*ding*” freudiano, das pulsões, do objeto. Do imaginário trataremos adiante, ao trabalhar a constituição do eu. É a captura virtual de uma realidade.

A perda estará sempre presente nessa constituição subjetiva e necessária para sua fundação. Não podemos esquecer-nos de que os três registros (o real, o imaginário e o simbólico) estão de tal maneira enodados borromeamente que o que acontece em cada um deles provoca efeitos sobre o outro. E que efeitos seriam esses que culminariam num ato de violência? Tentaremos tomar este caminho. Até o momento, temos a violência arraigada a um processo de constituição do psiquismo e, portanto, fundadora do sujeito. Tal constatação nos instiga a vários questionamentos.

3.1.3 *Moisés e o Monoteísmo*

Dois Moisés, duas religiões primitivas conferem a temática desse mito, que analisaremos sucintamente. Mais uma vez entra em cena o assassinato do pai.

Moisés, crê Freud, um egípcio, libertador, legislador e educador, teria transmitido aos judeus a religião egípcia de Aton, monoteísta. Na introdução desse culto, o ritual da circuncisão até hoje permanece como um substituto simbólico do sacrifício - na leitura de Freud. Os judeus mataram Moisés, o grande pai, voluntarioso, e seus mandamentos. Teriam esquecido seu ato assassino por efeito do recalque. No lugar do esquecimento, introduziram, no espaço de algumas gerações, um novo patriarca - também Moisés -, fazendo uma colagem dos dois momentos. Retornaram, então, ao monoteísmo com a adoração de *Iaveh*, o que, na análise de Freud, seria o recalque e o retorno do recalçado. Nesse retorno, diz ele, algum traço do esquecido se repete: no caso, o que permaneceu foi a circuncisão e o nome *Moisés*, aparecendo novamente como o líder da religião judaica. Nesse processo, a circuncisão passou a representar o sacrifício originalmente exigido por *Iaveh* a Abraão, sacrifício esse que se deslocou para a execução de um carneiro e desta para o ritual simbólico de ablação do prepúcio. Tem-se

um segundo Moisés. Tanto o nome do patriarca morto quanto o sacrifício na própria carne são repetidos pelos filhos.

Este é igualmente o tema da religião cristã. A morte de Cristo remete ao sacrifício redentor da culpa, repetindo assim o traço originário, o da morte de Moisés. Esse saber que fica desconhecido, mas se reatualiza por traços, torna-se, tanto quanto a concepção do incesto, um saber proibido.

Ora, o que Freud nos apresenta nesse curioso ensaio seria mais uma comprovação do funcionamento psíquico, inscrito na história da humanidade. Reportando-se, dessa feita, ao discurso religioso, a morte, ou a exclusão, aparece na formação do psiquismo como o preço que o homem paga para instauração dessa estrutura afastada do "natural". Algo deve ficar "fora", para que vigore uma organização social, uma lei ou ainda uma escolha amorosa. E no aparelho psíquico um acontecimento precoce deverá ser esquecido como "determinante necessário" (1938, p.90). É assim que devemos interpretar esse "fora": como o caráter do renegado, ou do esquecido do processo consciente, como uma falha. O mundo das palavras, pelo qual circulam os laços sociais, funda-se a partir do que se excluiu num recalque originário. É a essência do campo do humano.

Vínhamos pesquisando, até então, que, no momento em que fracassava algum tipo de saber na relação entre o homem e seu semelhante, algo da violência se instaurava. Em “Moisés e o Monoteísmo” (FREUD, op.cit.), essa confirmação não nos ficou tão clara. Mas talvez valha a pena a discussão. Se recortarmos a castração e a morte de Moisés (dois momentos de acentuada violência), estariam ambas ligadas ao mito do pai primevo, assim como o ritual do sacrifício relacionado às religiões. O que se destaca, ainda, ao nosso ver, é o comentário de Freud de que em Cades, lugar onde ressurgiu a religião monoteísta dos judeus, ou seja, diante do retorno do recalçado, deu-se a produção de um escrito: o início da escritura da Bíblia, destinada a substituir a história oral, que sempre lembrava o assassinato de Moisés, fato que os judeus gostariam de esquecer. A escrita teria, então, a finalidade de fazer sucumbir o desagradável. Ao mesmo tempo, selava um pacto, um primeiro acordo escrito que proclamava a escolha do novo deus:

“(...) tinham bons motivos para reprimir¹⁰ a lembrança da sorte que seu líder e legislador encontrara. O intuito determinante da outra parte do povo era glorificar o novo deus e discutir sua condição de estrangeiro. Ambas as partes possuíam o mesmo interesse em repudiar o fato de terem tido uma religião anterior e a natureza do conteúdo dela. Foi desse modo que ocorreu o primeiro acordo, provavelmente logo registrado por escrito. O povo oriundo do Egito trouxera consigo a escrita e o desejo de escrever história; mas longo tempo deveria passar-se antes que a escrita histórica compreendesse que estava comprometida com uma veracidade inabalável.”
(p.86)

A morte do pai é recalcada, mas retorna como um fantasma. Aparece um segundo Moisés e o culto da circuncisão. Como na peça *Hamlet*, de Shakespeare, a culpa inconsciente retorna, desta feita, inibindo a ação do príncipe. É o pai que assombra e lembra ao filho sua morte. Encontramos igualmente a repetição de uma estrutura ternária em que *violência, desejo incestuoso e carência simbólica se articulam*.

Passemos agora à análise das marcas da violência no psiquismo, iniciando pela estrutura do fantasma. Mas, antes, interessamos observar o comentário de Vilhena (1991), mostrando-nos a

¹⁰ Na presente tradução das Obras Completas, encontramos constantemente o termo repressão, que preferimos entender como *recalque*.

articulação entre a construção mítica e a estrutura fantasmática no psiquismo:

“(...) os mitos, como as lendas e os sonhos, provêm de fantasias fundamentais do ser humano. O mito contém, exprime e simboliza a vida fantasmática de um povo; é também a partir dele que se estruturam as fantasias individuais”. (p.15)

O mito, portanto, expressa criações dos conteúdos inconscientes que dão sentido à existência como também à anterioridade do sujeito. Da mesma forma que a humanidade construiu seus mitos - dentre eles os religiosos -, o neurótico, lembra Lacan, constrói o seu, particular. É como se explica diante de sua história familiar. Nesse mito, está implícita uma fantasia que o fundamenta num mundo que o antecede, cuja anterioridade (Freud já percebia) estava ligada sempre à questão de um pai.

4. ESTRUTURA PSÍQUICA E VIOLÊNCIA

“Não tenho dúvidas de que nosso pensamento se processa, na maior parte das vezes, sem o uso dos signos (palavras) e, além disso, em grande parte inconscientemente.”

Albert Einstein

4.1 A FANTASIA

Se até agora estamo-nos reportando a uma construção ficcional da implicação da violência na constituição do sujeito, devemos lembrar mais uma vez que a clínica foi o norteador da pesquisa metapsicológica para Freud. Foi a partir da clínica com as histéricas que a *fantasia de sedução* indicou-lhe uma produção psíquica fundamental. Em seus primeiros trabalhos sobre as histéricas estava lidando com a noção de trauma e abordava os relatos das pacientes como “*proton pseudos*” (1895). Ora, pensa ele, como seria possível todas as histéricas terem sido molestadas sexualmente pelo pai? Tais reflexões são divididas com Fliess (FREUD, 1986) na famosa correspondência.

Então, não seria uma produção impregnada de “veracidade” dos acontecimentos, como pensava na carta de 2 de maio de 1897, mas a importância do relato deveria recair apenas sobre o material produzido pelo paciente através de sua fala.

Convence-se, na carta de 21 de setembro de 1897, de que no inconsciente não há uma diferenciação entre a realidade e a ficção, quando há a catexia do afeto. Conclui que “a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais” (ibid. p.266). Em 1899, temos

referências importantes sobre a construção fantasmática. A primeira, em nova carta para Fliess, de 3 de janeiro, confirma a fantasia como

“produto de períodos posteriores e que são projetadas, a partir do que era então o presente, para épocas mais remotas da infância; (...) através de um elo verbal.” (p.339)

Utiliza ainda a expressão “chave da fantasia”, na carta de 16 de janeiro de 1899, mencionando que a *chave* da neurose não estaria nos acontecimentos reais e sim no relato das fantasias.

Uma outra referência diz respeito ao texto *Lembranças encobridoras*, publicado no mesmo ano, em que fala de “recordações fragmentárias dos primeiros anos da infância” (p.271). É a verificação de que o traço da memória aponta para o traumático e faz uma amarração com a fantasia. Repete aqui as conclusões do *Projeto* (1895), no capítulo *Fantasias*, ao declarar que, na gênese de uma fantasia, estão combinados elementos inconscientes, coisas ouvidas e experimentadas. Ou seja, como nos sonhos, numa cena juntam-se ao material recalçado, inconsciente, “restos” verbais vividos.

Mas o que Freud entendia como *fantasia*? Talvez este conceito se esclareça na *Interpretação dos Sonhos* (1900), - pela via do

que a distingue da realidade: “realidade psíquica”. Para ele, o próprio *inconsciente*. Assinala que se torna

“essencial abandonar a supervalorização da propriedade do estar consciente para que se torne possível formar uma opinião correta da origem do psíquico.” (1900, p.554) ¹¹

É a uma “origem” que ele se refere.

Estes momentos anteriores às *Teorias sexuais infantis*, publicadas em *Três ensaios sobre sexualidade* (1905), demonstram que, ao formular hipóteses sobre o nascimento dos bebês, a criança fantasia a cópula a partir de um conceito de sadismo do pai em relação à sua mãe. Essas teorias indicam ainda que tal *impressão* pode até contribuir para “uma predisposição ao deslocamento sádico subsequente do objetivo sexual” (1905, p.202). Nossa perspectiva, nesta pesquisa, não contempla a associação entre violência e sexualidade, que até então tem-se tornado evidente. Mas a sexualidade, operação que marca a entrada de uma outra referência na vida do sujeito, seria a pedra angular de todo o edifício psicanalítico. Freud nos mostra que as primeiras construções fantasiosas da criança têm um caráter de violência, de um domínio de um sobre o

¹¹ Freud faz uso constante da expressão “fantasia”. Mas este termo tem uma amplitude que deveria ser mais avaliada. A expressão “fantasma” é empregada por Lacan, deferenciando a estrutura que origina o psiquismo, dos devaneios diurnos e tantas outras construções fantasiosas citadas por Freud. Para Lacan, num final de análise espera-se que o sujeito mude sua posição frente a essa fantasia fundamental, ou fantasma, pois esse seria um ponto-limite da análise.

outro, à força. E, como já havíamos sublinhado, o que interessa para o psiquismo é a realidade psíquica.

Associada à observação do coito entre os pais, a fantasia de sedução e a castração, dentre outras, são as chamadas “fantasias primevas” (1915, p.303). Estudadas fartamente no caso do “Homem dos Lobos” (1918), sua relevância é fundamental para a compreensão dos sintomas do paciente.

A presença de fantasias no material psíquico é comentada por Miller (1987) como uma função de consolação:

“ (...) Freud (...) introduziu a fantasia na psicanálise como uma produção imaginária que o sujeito tem à sua disposição para certas ocasiões mais ou menos freqüentes.” (p.100/101)

Entendemos que o “consolo” funciona na tentativa de obturar aquilo que falta ao sujeito.

Mas o texto paradigmático da fantasia encontra-se em *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919), em que o sadismo, juntamente com o masoquismo, está implicado nas formulações fantasmáticas, associadas a um gozo masturbatório. Trata-se de um relato feito no decorrer de

tratamento psicanalítico, distinto do roteiro das outras fantasias e que costuma ser revelado com sentimento reticente de vergonha e culpa.

O pai seria o agente do ato violento, e, no decorrer do desdobramento da fantasia, o sujeito ver-se-ia tanto no lugar de quem apanha como no de quem olha. Ou seja: confundem-se sujeito e objeto. São três os momentos desse relato: - primeiro: “meu pai está batendo na criança”; - segundo: “estou sendo espancada pelo meu pai” (é inconsciente, só revelada em análise); - terceiro: “provavelmente estou olhando”. Freud fala numa satisfação auto-erótica que acompanha esse relato.

A fantasia do *bate-se* é chamada de originária, ou fundamental, no sentido de que representa os resíduos iniciais da fundação do psiquismo. Poderíamos pensar numa cicatriz, costurada no tecido da gramática e da semântica (portanto, num registro simbólico), impregnada do imagético (imagem de um corpo que se submete). Se nos reportarmos à estrutura da *passagem ao ato*, lembraremos que, nesse momento, escapa ao sujeito, até mesmo sua sustentação na fantasia, o que o levará a identificar-se ao “desaparecimento” - o limite do psíquico coincidindo com o das palavras.

Freud chega a mencionar que, após confissão da fantasia, cessa a cadeia associativa: “Nada mais sei sobre isto: estão espancando uma criança.”(1919, p.227)

Será interessante repetirmos as articulações que Lacan faz em torno desse texto de Freud, no seminário *O avesso da psicanálise* (1992), observando que a fantasia nos apresenta um sujeito “dividido pelo gozo” (p.62). Seria um gozo daquele que bate, mas que se mistura ao seu próprio gozo. Está assinalada uma operação de alienação¹² do desejo do sujeito ao desejo do outro, como se na fantasia se confundissem. Pensamos se a fantasia não seria a notícia veiculada pelo psíquico, da identificação do sujeito ao outro, mas portando a ressignificação de uma marca ontológica de um ato inaugural, conforme a mítica do pai primevo. Mito e fantasia se corresponderiam como produções que dessem conta da “origem”, de distintas formas discursivas, pois esse pai - ou esse outro, como lembra Lacan - nem mesmo teria um rosto ou seria nomeado: apenas representaria uma *anterioridade* ou um traço lavrado. Essa *origem* imprime a marca

¹²Alienação- Este conceito é definido em *O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (Lacan, 1981), para dar conta da dinâmica entre a estrutura do sujeito em sua relação de dependência com o Outro pela via da separação. O Outro (com O maiúsculo), onde se encontra a cadeia de significantes, é o campo no qual se tem que aparecer e passar a existir. Ele encontra em Hegel as bases do conceito de alienação e a chama de *véu* alienante. Pela teoria dos conjuntos, o ensinamento lacaniano mostra que a *reunião* seria um primeiro tempo da relação entre o sujeito e o Outro. O segundo tempo dessa dialética seria a interseção. Na verdade, tem-se que identificar pela alienação (reunião) e ao mesmo tempo separar-se (interseção) desse Outro. O *véu* alienante aponta que não se pode conservar todo o tempo as duas posições. Uma escolha tem que ser feita. A alienação condena o sujeito à divisão, em que a perda é condição para existir.

testemunhal de um *momento antes* de qualquer subjetivação. Nas estruturas sintagmáticas do relato do paciente é que a pulsão faz a sua via. Trata-se da submissão da pulsão ao significante. No vaivém pulsional, em torno do objeto, temos o deslocamento das vozes passiva, reflexiva e ativa.

“Segundo Freud, o fato da pulsão aproveitar os estreitos caminhos da gramática permite a reversão do ativo em passivo sem necessidade de invocar uma bissexualidade constitucional.”
(Miller, 1989, p.15)

Seriam as duas pulsões sadomasoquistas em jogo, contornando a constituição do objeto e do sujeito.

Freud diz que é impossível decidir se é a fase sádica da fantasia ou a masoquista que dá prazer ao sujeito, mas que “ser espancado” significa uma prova de amor e humilhação. A forma da fantasia seria sádica, na primeira fase, e a satisfação que derivaria dela, masoquista. O masoquismo originar-se-ia do sadismo, voltado contra o eu. Não seriam pares opostos, mas complementares. Uma atividade que se converte em passividade. O sadismo se transformaria em masoquismo a partir do sentimento de culpa que opera na transformação do recalque. Assim, temos a segunda fase da fantasia, de natureza inconsciente e

masoquista, que Freud diz ser a mais importante. Situa aí efeitos sobre o caráter do paciente, que agem de forma inconsciente.

“Pessoas que abrigam fantasias dessa espécie, desenvolvem uma sensibilidade e uma irritabilidade especial contra quem quer que possam incluir na categoria de “pai”. São facilmente ofendidas por uma pessoa assim e, desse modo (para sua própria tristeza), efetuam a realização da situação imaginada de serem espancadas pelo pai.”(1919, p.243)

Até aqui sujeito e objeto estariam indiferenciados. Será a partir do terceiro tempo do relato da fantasia que aparecerá o objeto privilegiado *olhar*. É evidente que há um gozo acompanhando aquele que olha. Isto fará Lacan ressaltá-lo em seu ensino como um dos objetos privilegiados da pulsão, juntamente com o seio, as fezes e a voz.

Freud chama a atenção para o fato de os relatos terem sido de pessoas do sexo feminino e nos homens haver uma ligeira torção desse processo. As pessoas que aplicam o castigo são mulheres e passivas desde o começo, pois há uma atitude feminina com relação ao pai -- explicação correspondente à ligação incestuosa com os genitores pelo complexo de Édipo. Verifica ainda que tal ligação está presente nos dois sexos, tratando-se da própria formação do psiquismo.

Se, na fantasia, está “em cena” o movimento pendular da pulsão, o caminho até ela, como vimos, partiu das primeiras constatações de Freud na clínica e nos orientou a esmiuçarmos um pouco mais a noção de *trauma*.

4.2 A TEORIA DO TRAUMA

Estamos dispostos a considerar a teoria do trauma como uma expressão de violência. Aliás, um acontecimento da ordem do “susto”, não se tratando apenas de um dano físico. O trauma se desencadeia mediante experiências que possam evocar “afetos aflitivos” (FREUD, 1893). Decompõe-se em pelo menos dois tempos, em que uma segunda ocasião irá provocar um afluxo de excitação interna, produzindo o sintoma. Age “a posteriori”.

Ao publicar *Comunicação preliminar* (1893), Freud relaciona o trauma à causa desencadeadora da histeria: susto, vergonha, angústia ou dor física. Ou seja, a um acontecimento real, pois as fantasias edipianas ainda não estavam sendo consideradas. Recordando o que já estudamos, tal acontecimento real estaria correlacionado à ordem sexual - noção esta que se sustenta até 1897, quando abandona sua “teoria da sedução”. O pai não será mais o tirano da realidade, mas sobreviverá na

fantasia. Até ali, o tratamento da histeria buscava uma ab-reação da experiência traumática e conseqüente elaboração psíquica dessa experiência. Mas a questão da suscetibilidade do “aparelho” começa a ser levada em jogo, pois não há uma relação entre a violência, em toda a sua eficácia patogênica, e o tipo de situação que a provoca. Ocorrem-nos nossas justificativas na apresentação desta pesquisa, quando, com apoio nos fatos observados, afirmamos que nem todos os miseráveis escolhem a violência como solução de sobrevivência. Como diria Laplanche-Pontalis (1970), para haver efeito traumático, uma determinada situação deverá encontrar “sua inserção numa organização psíquica que compreende já os seus pontos de ruptura muito especiais”(p.680).

O trauma, ou essa violência, será o fator que, em termos econômicos (ou seja, de trocas energéticas), irá “desequilibrar” o aparelho psíquico. Freud não pensa em abandonar sua concepção sobre o valor etiológico do trauma, mas, em suas teses posteriores, aponta-o como aquilo que irá romper com as barreiras do recalque.

O próprio nascimento faz com que a criatura humana, em todo o seu desamparo, experimente uma primeira sensação de perigo, traumática, portanto. Sobre esse ponto-de-vista, Rank desenvolveu trabalhos parabenizados por Freud, que lembra :

“(...) o trauma do nascimento se apodera do indivíduo com grau diferente de intensidade e a violência da reação de ansiedade varia com a força do trauma, sendo a quantidade inicial da ansiedade gerada nele que, de acordo com Rank, decide se ele chegará a controlá-lo - se ele se tornará neurótico ou normal.” (1926, p. 175)

A derradeira fala freudiana sobre a questão traumática pode ser recolhida no texto “Moisés e o Monoteísmo” (op. cit), em que ressalta sua natureza precoce e sexual-agressiva.

“Os traumas são ou experiências sobre o próprio corpo do indivíduo ou percepções sensórias, principalmente de algo visto e ouvido, isto é, experiências ou impressões.” (p.93)

Os sintomas neuróticos seriam o resultado dessas experiências - traumas etiológicos -, impressões de uma época em que a criança ainda não possui arcabouço verbal suficiente para decifrar a invasão do tema sexual. Conforme havia exemplificado com a história de Moisés, as primeiras experiências traumáticas são esquecidas e reaparecem mais tarde na vida dos sujeitos sob a forma de sintomas.

Vidal (in *Pulsão e Gozo*, Ano XI), apoiado também em elaboração mais recente da obra freudiana (*Além do princípio do*

prazer), no texto *A torção de 1920, através de uma leitura lacaniana*, dirá:

“Sobre a superfície o trauma provoca uma ruptura na proteção denominada *Einbruchstelle* que, na linguagem militar, significa o lugar da brecha que um exército provoca no adversário. O trauma ocasiona o furo na superfície. À diferença de uma teoria mecânica ou fisiológica do trauma, Freud prova que é da pulsão que a ruptura provém, uma pulsão proveniente do corpo, tão exterior para o aparelho psíquico quanto qualquer excesso de energia de estímulo provindo do mundo externo. É com a pulsão que o aparelho terá que se haver.” (p.24)

Se o trauma atinge o psíquico pelo rompimento do equilíbrio, convém investigar, num próximo passo, a pulsão enquanto mecanismo interno do aparelho, que irá indicar os pontos ou as zonas em que a situação traumática poderá eclodir.

4.3 A PULSÃO E SEU CIRCUITO

Nosso intuito, neste item, concentra-se em investigar a pulsão enquanto impulso e repetição, tal como pensado por Freud, na dimensão de um construto teórico que permita a articulação limítrofe entre o biológico e o psíquico, abrindo o campo do humano.

Qual a parcela pulsional, no ser, que se responsabilizaria pela destruição ou pela violência ao semelhante?

É provável que possamos considerar o nascimento da noção de pulsão em 1895, quando Freud elaborou seu *Projeto* ainda impregnado de um cunho fisiológico, desenhando a idéia de um “apoio”:

“À proporção que aumenta a complexidade interior do organismo, o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento somático - os estímulos endógenos - que também têm que ser descarregados. Esses estímulos se originam nas células do corpo e criam as grandes necessidades: fome, respiração, sexualidade.” (p. 316)

Em 31 de maio de 1897, na correspondência a Fliess, já discutia um impulso hostil contra os pais e o desejo de que morressem. Faz um adendo, no sentido de que as lembranças infantis pareciam bifurcar-se: uma parte transformando-se em fantasias, e a outra, em impulsos. Não estaria bastante próximo o nascimento dos conceitos de fantasia e pulsão? A tese de um “impulso agressivo” irá desenvolver no caso do pequeno Hans (1909), explicando a angústia como devida ao recalque das “propensões agressivas” de Hans (ib., p.145). Nesse texto, com uma nota de rodapé de 1923, acrescenta que prefere o termo *pulsão de morte* (ou *destruição*), que estaria em oposição aos impulsos libidinais.

Renovada em diferentes momentos da obra freudiana, a pulsão - "Trieb"¹³ - é vista como tensão constante que vem de "dentro do próprio organismo" (FREUD, 1915, p.138), buscando uma descarga, conferindo uma dimensão simbólica ao corpo, diferente da mera representação biológica. Sua função: enlaçar o objeto, através de um circuito, numa operação que, ao mesmo tempo que o identifica, marca para o sujeito a inacessibilidade da satisfação. Ou seja, responderia Lacan: a pulsão aponta o que falta.

Em 1914, nos estudos sobre o narcisismo, Freud fala de um dualismo pulsional. As pulsões inicialmente estariam indiferenciadas no próprio corpo, tendo-se em vista um pressuposto teórico necessário. O corpo aí é tomado como objeto. Toda vez, diz ele, que houver uma busca da redução de tensão pelo aparelho, a libido é tensionada em direção a outros investimentos objetais, visando sua satisfação que, já sabemos, é frustrada, originando o narcisismo (veremos adiante esse caso). Aí se distinguiriam as pulsões sexuais (libido) e as de autoconservação ou do eu. Situa em eras longínquas os objetivos distintos entre a sexualidade e o eu e o desvio que sofre a pulsão diante de um comportamento puramente instintivo. A emergência da pulsão é a pura satisfação. A pulsão só se dá a conhecer através de seus representantes psíquicos - os

¹³ Do original alemão. Traduz-se diferente de "instinct", que sugeriria *instinto*, biologicamente determinado.

afetos e as idéias - e da ligação dessa energia (inicialmente livre, mais tarde represada, buscando descarga) em marcas, traços, e depois em palavras. A partir de todos estes elementos é que poderá fundar o aparelho psíquico e um corpo simbolizado e erógeno.

Quanto aos objetos, estes podem ser os mais variados. Para a pulsão, estes lhe são indiferentes, pois não se trata de satisfazer uma necessidade instintiva, como mencionamos anteriormente. Agora, desde o início de sua atividade até chegar ao seu fim, podem passar por várias *vicissitudes* ou destinos: a reversão ao oposto, o retorno em direção ao próprio eu, o recalque e a sublimação.

Sublinhemos, por ora, que a pulsão age num circuito que tem o corpo como fonte e, como alvo, o próprio percurso. Ela se satisfaz com o ato da repetição.

Freud diminui a importância do dualismo entre autopreservação e sexualidade quando uma questão vital se apresenta como resistência teórica e empírica: se todo organismo segue para a morte, o que permite que haja a vida? Se, em 1915, estava clara a responsabilidade da pulsão quanto ao destaque do objeto de satisfação para o humano, em 1920, a "satisfação" ficará na berlinda, devido ao campo de sua realização, onde o princípio do prazer mostra sua

impotência para falar daquilo que Lacan chamou de *gozo*. É o caso do sujeito que na dor sente prazer. Seria um princípio do “desprazer” que daria conta das atitudes humanas. Então o que estaria em jogo seria a satisfação remetida a um “mais além do princípio do prazer”.

Para dimensionar o alcance dessa questão, iremos focar mais detidamente a chamada “torção de 1920”, em que a teoria psicanalítica é soprada por novos ventos: *o além do princípio do prazer e a pulsão de morte*. O texto é *Além do princípio do prazer*. Qual seria o pano de fundo desse famoso trabalho? Por nossa conta responderíamos tratar-se da *repetição*.

A finalidade da pulsão fica esclarecida, naquele ano, como repetição e visa a repetir algo anterior, que ela nunca atinge. E quanto mais busca essa satisfação originária, mais impulsiona o organismo para a vida.

Diante do balbucio de seu neto, sob a forma de “*fort - da*”, na influência da presença/ausência, deduz que a experiência restitutiva é concomitante à repetitiva. A mãe, apesar de ausente, está sendo restituída pela sensação prazerosa causada pela repetição. Tal observação

permite-lhe formalizar que o acesso à linguagem possibilita a “realização cultural” da criança, por certo também prazerosa, como renúncia pulsional. Paralelamente a este processo, no entanto, resíduos da pulsão escapam do enquadramento simbólico e eclodem na experiência como ato e repetição. É a “parte” da pulsão que não ficou ligada às palavras. É *traçado do ato*, dirá Lacan, que a considera diretamente ligada à função do instinto de morte, pois “sai dos limites do delineamento” (LACAN, 1987, p.89), como se ficasse num “fora” linguagem. E continua:

“A vida só está presa ao simbólico de maneira despedaçada, decomposta. O próprio ser humano se acha, em parte, fora da vida, ele participa do instinto de morte. E só daí que ele pode abordar o registro da vida.”(op.cit., p.119)

A pulsão de morte leva-nos a analisar as palavras de Freud, no eixo: morte-vida- morte. Seria a morte que se encontraria no princípio e no fim da criação. Esse texto de 1920 traz a questão da pulsão como axiomática, ainda discutida nos dias de hoje e interpretada de maneiras diversas. Apesar de já termos abordado seu viés de propiciar à continuidade da vida, diz-nos Freud: “Seremos compelidos a dizer que o objetivo de toda vida é a morte.” (1920, p.56)

Na Psicanálise, o contexto e o caráter destrutivo estarão inegavelmente ligados à pulsão de morte. Em 1938, no “Esboço de psicanálise”, ele conclui:

“Depois de muito hesitar e vacilar decidimos presumir a existência de apenas dois instintos básicos, *Eros* e o *instinto destrutivo*.”(p.173)

Freud procura arranjar-se com os mitos de Eros e Tanatos. O primeiro, ligado ao amor, pela via do narcisismo, tem como meta a busca da completude. É pulsão de vida, ou sexual. Já Tanatos é a pulsão que leva ao inanimado, à morte. Ambos estariam presentes em qualquer sujeito.

Se trazem o sadismo e o masoquismo, o “voyeurismo” e o exibicionismo, é porque promovem o circuito pulsional, o caráter circular e a reversão no contrário. Sobre esses dois tempos da pulsão, Freud concorda que são processos analógicos, ligados por um órgão comum: o olho. Então um alvo pulsional na fase ativa seria torturar/olhar e, na fase passiva, torturado/ser olhado. A interpretação lacaniana diz que, na pulsão sadomasoquista, o objeto trazido, no retorno do circuito, é o próprio vazio (*objeto a*).

Por ora nos interessa retomar a pulsão sadomasoquista - não como um par perverso antitético, mas como movimento pulsional facilitador dos laços. A transformação no contrário dá-se no retorno do circuito a si mesmo. O sadismo originário do aparelho tem como função livrar o organismo de uma pulsão autodestrutiva. Seu percurso seria o caminho proposto por Eros:

“Ele entra em ação a serviço da função sexual. Durante a fase oral da organização da libido, o ato de obtenção de domínio erótico sobre um objeto coincide com a destruição desse objeto; posteriormente o instinto sádico se isola, e, finalmente, na fase de primazia genital, assume, para os fins da reprodução a função de dominar o objeto sexual até o ponto necessário à efetivação do ato sexual.”(p.74)

O paradoxal dessas noções é que, na gênese do psiquismo, atuam, concomitantemente, o impulso para identificação ao semelhante pelas fases da sexualidade (supondo-se aqui o envolvimento em laços afetivos de amor) e o impulso de retorno ao inanimado, à própria morte. Ocorrem então, na fase oral, na busca de um prazer pela oralidade, á incorporação e a destruição do objeto. É o violento canibalismo, um movimento sádico de expulsão da pulsão de morte. Já na dominância do prazer anal, prefigurando o objeto para fora do corpo, opera a pulsão *sadomasoquista* em sua disjunção.

Retomando o conceito de repetição, é importante sublinhar que Freud não o atribui à pulsão sexual. Nesse registro da repetição, só podemos “estar na trilha dos instintos de morte”, diz ele (1920, p.76). Sobre Tanatos, lembra-nos que age de maneira silenciosa. Não é um dado nem do inconsciente nem da vida psíquica, mas fundamenta o psiquismo em seu silêncio. Daí Freud tê-lo apresentado sob uma condição mítica.

Mas o que levaria o sujeito ao prazer de fazer o mal ou ao prazer de recebê-lo? - pergunta-se. A resposta só pode situar-se num para-além de um prazer, já que as inscrições sadomasoquistas se encontram na bagagem psicológica de cada um de nós. A fantasia “bate-se” talvez seja o último reduto significante do arsenal humano que possa falar do circuito pulsional. É fundação do aparelho. É o próprio corpo, entregue masoquisticamente ao gozo sádico do outro, articulando-se os golpes do sadismo e do masoquismo. O para-além, ou o gozo, é a via régia na qual se encontra a explicação para o humano conseguir extrair prazer da dor, império do masoquismo primordial.

Vidal (in *Pulsão e Gozo*), interpretando Lacan, afirma que é o sadismo que vai eleger a região para fora do corpo onde o objeto deverá cair. E talvez no masoquismo possamos pensar num tempo de afirmação dessa marca no eu ou no tempo de retorno da pulsão.

Ainda com relação ao trabalho “Eros e Tanatos”, em “A Negativa” (1925), seria o julgamento a forma de o eu integrar as coisas a si ou expeli-las (v.XIX, p. 299) - um tempo de formação do inconsciente. Freud associa nesse texto a *afirmação* (“Bejahung”) - como pertencente a Eros - e a *expulsão* (“Alsstossung”) - como pertencente a Tanatos -, pulsão de destruição. Tanto esta quanto aquela (Eros), repetimos, constituem o sujeito.

Em 1923 (“O ego e o id”), a pulsão de morte já havia sido expressa como “poder do id”. Poderia fundir-se a componentes eróticos pelo sadismo, exteriorizar-se pela via dos atos violentos ou seguir seu trajeto silencioso, como masoquismo original.

Lacan, como leitor de Freud, acrescentará que a parte da pulsão que não está ligada ao significante é que persiste como masoquismo. Trata-se explicitamente de um “quantum” residual de violência, não defletido para o exterior, e que permanece no sujeito.

4.4 O PAR SADISMO - MASOQUISMO

Já pudemos observar como operam os tempos da pulsão em direção ao objeto. Mesmo correndo o risco de ser repetitivos, consideramos importante determo-nos um pouco mais no par sadismo-masoquismo, por ser ele responsável pela noção corrente de *fazer sofrer ao outro*. É um terreno que se modifica na elaboração teórica de Freud, tomando duas vertentes balizadas pelas duas tópicas. É fundamental nesse percurso o conceito de *masoquismo primário*, sobre o qual procuraremos tecer ainda algumas considerações.

Em 1905, no capítulo "As aberrações sexuais", Freud (op.cit.) informa que o desejo de infligir dor ao objeto sexual e seu inverso recebeu de Krafft-Ebing os nomes de sadismo e masoquismo. É uma noção que faz uma aliança entre as características da vida sexual e a agressividade:

"A história da civilização humana mostra sem qualquer dúvida que há conexão íntima entre crueldade e instinto sexual; mas nada foi feito no sentido de explicar a conexão, a não ser colocar ênfase sobre o fator agressivo da libido. Segundo algumas autoridades, este elemento agressivo do instinto sexual é, na verdade, um vestígio de desejos canibalescos, isto é, constitui uma contribuição derivada do aparelho controlador, que se interessa pela satisfação da outra e, ontogeneticamente, a mais antiga das grandes necessidades do instinto."(1905, p.161)

Sadismo e masoquismo estariam associados a uma atitude ativa ou passiva na vida erótica, responsáveis pelas posições masculina e feminina, numa bissexualidade, pois ocorreriam juntas num mesmo indivíduo. “Um sádico é sempre ao mesmo tempo um masoquista.” (p.161) Seriam dois tempos distintos do investimento pulsional, formador do laço entre o sujeito e o objeto. Exatamente como observamos na dinâmica da fantasia. O masoquismo nada mais seria que “uma extensão do sadismo, voltada para o próprio paciente” (op.cit.p. 160), que assim toma o lugar de objeto sexual. Nesse primeiro tempo da teoria, o masoquismo toma o lugar secundário da ação, sendo precedido pelo sadismo.

Freud marca duas formas de sadismo: os casos caracterizados por uma atitude ativa ou violenta para com o objeto sexual e os inteiramente condicionados à humilhação e aos maus tratos do objeto, sendo esta última a característica da atitude perversa (ibidem).

O que descreve como sadismo é:

“um componente agressivo da pulsão sexual que se tornou independente e exagerado e, por deslocamento, usurpou a posição de liderança.”.(ibidem)

Ou seja, é a pulsão em busca de seu destino que, no par sadomasoquista, pode trazer o retorno do objeto ao próprio eu ou a conversão no contrário: a transformação do “bate-se” em “ser batido”. Não há mudança de objeto, mas um percurso que tanto pode partir do sujeito para o objeto quanto deste para aquele, em sentido oposto.

Até então, Freud concentrava seu interesse na teoria da sexualidade e em como os sujeitos elegiam seus objetos sexuais. Já questionava se o par antitético estaria presente desde um momento inaugural do psiquismo, marcando, porém, que falar de pulsão não é o mesmo que de perversão:

“O masoquismo, como perversão parece estar ainda mais distante do objetivo sexual normal do que sua contrapartida. Pode-se duvidar de início se ele sempre ocorre como um fenômeno primário ou se, ao contrário, ele invariavelmente surge como uma transformação do sadismo.” (ibidem)

Em 1915, ainda na primeira tópica, no texto sobre as “Pulsões e suas Vicissitudes”, é que estará assinalada a pulsão sadomasoquista em seu caráter originário do aparelho psíquico. Portanto, *o ponto-limite da estrutura* será no ato de fixação de um representante da pulsão, fundação do inconsciente.

“Chegamos assim à natureza essencial das pulsões, considerando em primeiro lugar suas principais características - sua origem em fontes de estruturação dentro do organismo e seu aparecimento como uma força constante.” (p.139)

O que se delineia no horizonte é a atividade de uma pulsão sadomasoquista no limite do psíquico, que encontraria em Freud a descrição de fundação do inconsciente ou aparelho de linguagem.

Na pontuação lacaniana, já verificamos que a pulsão se satisfaz chegando ao seu alvo, e este alvo é um enlaçamento do vazio, pois nenhum objeto da necessidade irá satisfazê-la. Ela se satisfaz num percurso circular, num vaivém (Lacan, 1981), na própria repetição. Se o objeto lhe é tão indiferente, faz-nos pensar na fixidez do objeto dor, que beira a excitação sexual na perversão sadomasoquista, numa tentativa de incorporar, materializar, algo que é da ordem da falta. A pergunta persiste: o que vai fazer com que o sujeito experimente de boa vontade o desprazer da dor? No caso sádico, o prazer advirá de forma retrogressiva, pois irá absorver a dor masoquistamente, através de uma identificação com o objeto sofredor, também acompanhado de prazer sexual. Portanto, é satisfação que só pode estar presente em alguém originalmente masoquista, diz Freud.

“(...) o sádico não teria nunca a idéia de encontrar prazer na dor do outro se não tivesse sentido antes “masoquistamente” a relação da sua dor com o seu prazer.” (Deleuze, 1983, p. 48)

Impõe-se-nos a questão: seria o masoquismo, ou o sadismo, a forma originária de domínio do objeto? O masoquismo passa a ser mencionado como originário enquanto repetição na torção teórica de *Além do Princípio do Prazer* (1920), numa tentativa de o *eu* retirar prazer na repetição do sofrimento - o que é em si uma contradição, só explicável não pelo limite do prazer, mas pela satisfação que exceda esse limite. Já o sadismo originário assume a função de livrar o organismo de uma pulsão autodestrutiva. Aqui o dualismo pulsional, entre as pulsões sexuais e as do eu, passará a ser substituído pelas pulsões de vida e de morte.

Em plena égide da segundo tópica, em 1924, em “O problema econômico do masoquismo”, encontramos melhor esclarecimento. Ao distinguir o masoquismo moral, o erógeno e o feminino, Freud nos diz que seriam as formas de submetimento do eu ao id, ao superego e ao mundo externo.

O masoquismo feminino não é uma posição de mulher. Representa fantasmas femininos: ser castrado, ser copulado, etc. Estuda

nesse ponto as encenações das fantasias masoquistas de submissão e incondicional obediência ao outro, que nos lembram a passividade. Estariam aqui as respostas perversas ligadas a um gozo masturbatório.

Os tipos de masoquismo estão, no entanto, ligados ao erógeno, que seria o primário. Ao *masoquismo primário* articula a pulsão que permanece no organismo fixada à libido, não sendo expulsa sem excitação sexual. Seria um resto da operação entre Eros e Tanatos que se complementariam na fundação do aparelho. Lacan acrescentará ainda que é o resíduo da pulsão que não está ligada ao significante, daí chamar masoquismo à própria pulsão de morte.

O *masoquismo moral*, ligado ao sentimento inconsciente de culpa e ao superego, pede uma punição de parte do poder paterno. É onde se enquadra a “relação terapêutica negativa”, percebida por Freud como obstáculo na cura pela análise. O sentido moral aqui pode ficar enfraquecido e levar o sujeito a buscar punições da instância paterna. Essa teorização sustentará os textos sobre criminalidade. E será o sentimento de culpa que transformará o sadismo em masoquismo, como estudamos no texto do *Bate-se...* - o sadismo do superego transformando-se no masoquismo do ego. Esse tempo de fundação do aparelho, em que o gozo do sujeito e o do outro se misturam, articulam os golpes do sadismo e do masoquismo, relacionando ambos num caráter primário.

Analisando o masoquismo, Gilles Deleuze (1983) ratifica Freud, na associação da violência com a sexualidade:

“É verdade que a violência é aquilo que não fala, que pouco fala, e a sexualidade, aquilo de que se fala pouco, em princípio.”(p.19)

Ao fazer observações sobre a obra de Sacher-Masoch, recorre a Freud e à teorização da pulsão de vida e a de morte. Concorda conosco, dizendo que Eros seria uma condição de apresentação de Tanatos (p.33).

E continua:

“De tal forma que a destruição, o negativo na destruição, se apresenta necessariamente como o inverso de uma construção ou de uma unificação submetidas ao princípio do prazer.” (ibidem)

Esta é uma informação interessante, a ser retomada no próximo capítulo, na abordagem da constituição egóica, na qual as pulsões parciais devem ser organizadas numa “ortopedia”, para que uma imagem do corpo aconteça.

4.5 SEXUALIDADE INFANTIL

Não nos deteremos nos diversos delineamentos que Freud deu a esse riquíssimo campo em sua teoria. A sexualidade, como sabemos, baluarte da psicanálise, comporta uma noção que se afasta do fim genital, ou reprodutor. É ela o principal traço que diferencia o ser humano da espécie animal. Enquanto esta possui um “instinto”, uma herança sexual hereditária, o homem, ao contrário, tem sua sexualidade inscrita no psiquismo pela ação pulsional, que busca o prazer, e, como já vimos, em sua atividade constante de “fora-dentro” inscreve-lhe pelos seus representantes o campo da cultura. O objeto, que para o animal é predeterminado e biológico, no humano pode ser “qualquer um”, estando fora do campo da necessidade.

O que achamos conveniente foi tentar delinear, na esfera do nascimento da sexualidade, o aparecimento da violência. Ora, será que essa tarefa pode ser tão facilmente cumprida? Em que momento podemos supor que nasce a sexualidade no ser humano?

A experiência psicanalítica rompe com a concepção naturalista da sexualidade. Passa a estar em jogo o universo pulsional.

Ao publicar em 1905 os *Três ensaios*, Freud a relaciona aos primórdios da existência do ser humano, concomitante à evolução das pulsões sexuais.

As pulsões, nas quais já nos detivemos anteriormente, marcam o corpo, como um “corpo erógeno”, a partir de sua ação nos orifícios ou mucosas e zonas vizinhas. Em 1938, no “Esboço de psicanálise”, Freud irá chamar todo o corpo de zona erógena e não só os órgãos genitais. É pelo corpo que o pequeno ser humano começa a tomar contato com o “exterior”. As sensações que advêm dessa passagem da pulsão pelo corpo instauram a sexualidade infantil. Adiante, numa fase posterior à do Édipo, a pulsão, em seu trajeto de retorno, não instalará mais a sexualidade, mas a ressignificação desta. O trajeto será chamado de “sintoma”. Descreve Freud: “Os sintomas constituem a atividade sexual do paciente.” (1905, p.166)

A sexualidade infantil visa uma evolução, até chegar à primazia dos órgãos genitais na idade adulta.

Num primeiro momento da montagem psíquica, já vimos que sujeito e objeto se confundem. O corpo toma a si próprio como objeto de satisfação. Podemos reparar essa manifestação da sexualidade no chupar do dedo, no sugar dos lábios, etc. Freudianamente denominado “autoerotismo”, dá um caráter de erogeneidade à zona eleita. E é assim que se

inicia a sexualidade, afastada da noção de genital. Aproxima-se do que já denominamos neste trabalho de *gozo* ou ação da *pulsão*.

A organização sexual infantil promove o passeio da pulsão parcial pelo corpo, que vai sendo explorado libidinalmente, dando ao sujeito a idéia de seu eu. Cada pulsão busca uma satisfação própria, inexistindo uma organização egóica. Mas o eu só se define em sua diferenciação do objeto delineando dessa forma seus limites. Esta relação eu-objeto precisa então de uma verdadeira dialetização pelo corpo. Assim é que na fase oral, ou organização sexual pré-genital canibal, a experiência concentra-se em incorporar o objeto. Apoiada na já conhecida ingestão de alimentos, traz um protótipo de identificação ou de domínio do exterior que mais tarde será lembrada por Freud (*em Psicologia das Massas e Análise do Eu*, no capítulo VII, “A Identificação”), como aquela *primeiríssima* manifestação de afeto, ou seja, a relação com o campo que chama de “pai”.

A segunda fase, pré-genital, é a da organização sádico-anal, em que o domínio desse “exterior” é operado pela musculatura somática - a mucosa erógena do ânus. A possibilidade de domínio sobre esse objeto que sai do corpo marca uma torção no bebê. Antes o objeto oral lhe era oferecido ou negado. Não estava em jogo o desejo do nosso pequeno sujeito, a quem só restava a alucinação da satisfação. Na fase anal, a

musculatura anal precisa em qual momento o objeto que o outro demanda será dado ou não. Marcas de um momento fundamental, instalam-se aí a passividade e a atividade, que, repetimos, serão a inscrição inconsciente do masculino e do feminino. Essa forma arcaica de obtenção de prazer é que pode persistir por toda a vida, atraindo grande parcela da atividade sexual. Em 1908, ao estudar o “Caráter e o Erotismo Anal”, Freud irá falar de indivíduos ordeiros, parcimoniosos e obstinados, para dizer que, quando bebês, devem ter feito parte do grupo que se recusava a esvaziar os intestinos, o que indica a inversão causada pelo recalque. Poderíamos então supor um traço acentuado do sadismo na constituição obsessiva, a partir da premissa freudiana.

No texto de Freud, nem todas as excitações sofridas pelo corpo nas diversas zonas erógenas passam pelas mesmas vicissitudes nem têm destino igual em todos os períodos de vida. Só uma parcela de tais excitações é utilizada na vida sexual; a outra é defletida pela sublimação. Aliás, a sexualidade infantil é estudada como “perversa-polimorfa”, pela característica da obtenção do prazer. Uma fixação em uma dessas fases faria o sujeito mais tarde um verdadeiro perverso no sentido diagnóstico.

Se foge a nossa finalidade uma abordagem mais ampla do fértil trabalho de Freud sobre a sexualidade infantil e seus desdobramentos clínicos, tentemos investigar os impulsos violentos na

gênese da sexualidade. O que ressaltaríamos nessa leitura é que, na sexualidade, a relação entre o sujeito e o outro passa, primeiramente, pela relação com o objeto, com requintes violentos - como se se tratasse de um verdadeiro embate, e o objeto, esse desconhecido, tivesse que, de alguma forma, ser integrado ao campo referencial do sujeito¹⁴. Estes tópicos serão mais aprofundados quando estudarmos o narcisismo no terceiro capítulo.

Fundamental, na organização sexual, é o papel daqueles encarregados dos cuidados com a criança - o outro, que porta a palavra - a esfera simbólica - de onde partem as demandas, e como se instaura o campo pulsional, pelas exigências da educação (ou da cultura). O conhecido "princípio da realidade" faz referência ao simbólico, onde se forma o molde da relação do sujeito com o objeto.

Para finalizar, mencionaremos a fase fálica, processo anterior à latência, última etapa da organização sexual infantil. Seria anterior ao objetivo final da sexualidade na adolescência, que é sexual-genital, quando se dá a subordinação das pulsões à procriação, buscando satisfação numa outra pessoa. Passaremos rapidamente para não nos

¹⁴ Freud publica o ensaio "O estranho", em que aborda essa característica do familiar e estranho da ordem do objeto.

repetirmos em demasia, já que estudamos o complexo de castração e a inveja do pênis quando visitamos o Édipo.¹⁵

O falo, imagem ereta de um pênis, já seria conhecido na antigüidade como símbolo de poder e fertilidade, segundo pesquisas de Jakob Bernays (1880) (in KAUFMAN, 1996). O pênis, órgão diferencial entre os sexos, seria simbolizado como *falo* no tocante à primazia dos órgãos genitais do ser humano, devido ao fato de sua existência efetuar uma inscrição simbólica no psiquismo de *ter ou não ter*. O falo não é, portanto, um objeto, um órgão ou uma fantasia. Ele *simboliza* esse órgão, para os dois sexos. Outros momentos da sexualidade infantil deixam suas marcas de perdas, como o seio e as fezes. A diferença é que o falo, símbolo do objeto do desejo, embute uma promessa de castração. Sob essa ameaça de uma terrível violência, instala-se uma verdadeira ferida narcísica, uma operação fundamental em nível de corpo e de linguagem: o pênis precisou ser abandonado enquanto objeto de gozo incestuoso, deixando um emblema dessa perda expresso em nível de significantes - marca indelével, pois ao humano sempre advirá a sensação de que algo lhe falta a partir de sua entrada no Édipo e, portanto, sempre desejará “alguma coisa”. O falo será esse significante do desejo; portanto, uma

¹⁵ A esse respeito buscar a rica descrição em “Esboço de Psicanálise” (Freud, 1938), Capítulo VII, “Um exemplo de trabalho psicanalítico”.

representação de uma ausência. Essa falta o homem se encarregará de suprir durante sua vida, já que se sente incompleto; só que passará a ser expressa por palavras. Isto explica como, numa cadeia de significantes, pode ocorrer deslocamento de um objeto para outro, e neste processo pode ser finalmente regulado o campo pulsional. Esclarecendo melhor: quando o objeto toma um caráter metonímico, começa a ser deslocado e desejado, ingressando na cadeia da linguagem. O menino entra numa idade em que seu interesse são as coleções; a menina aprecia uma multiplicidade de enfeites; o adulto sempre quer mais um objeto, ou parceiro, ou queixa, ou ... É finalmente aberta a porta para o desejo pela via da identificação. O desejo em Freud é moção - movimento de busca de uma satisfação primeira.¹⁶ Uma referência lacaniana bastante útil seria pensar no falo como o significante de uma falta, de um objeto ausente, "disjunto do desejo" (Lacan, 1992, p.219). Os dois teóricos concordam que há uma disjunção entre *necessidade, demanda e desejo*. As necessidades vitais, como comer e dormir, nunca serão encontradas em estado "puro". Como dizia Marx:

"a fome que se satisfaz com carne cozida e temperada não é a mesma fome que se satisfaz com carne crua, comida com as mãos."(in Miller, 1989, p.60)

¹⁶ A concepção de desejo que reproduzimos aqui encontra-se no capítulo (C), "Realização de desejos", do livro *A interpretação do Sonhos* (Freud, 1900, p.503, volume II).

É a demanda que remete a necessidade para a cadeia simbólica, como relatamos nas primeiras experiências de vida do bebê, pois está determinada pela relação com o outro. Apaga-se qualquer resquício do “natural”. Aí, já supomos a necessidade submetida ao significante. Perdeu-se o registro puro de necessidade, e o desejo passa a ser o efeito do processo, na busca da repetição de uma satisfação perdida, em que a demanda se encontra como causa. A demanda difere da necessidade e do desejo por seu caráter de busca insaciável, busca para além dos objetos, um outro tipo de troca. Entendemos que uma formalização capital para conferir precisão maior ao estatuto do desejo em Lacan é a noção de *objeto a*, que se constitui, para o ser falante, a partir do corte da castração.¹⁷

Em 1958, Lacan irá escrever sobre a “Significação do falo”, referindo-se a ele como um *significante numa cadeia de significantes*. Seria o responsável pela operação simbólica, que faria com que os sujeitos sempre estivessem num processo de busca. Veremos adiante que o que o homem busca não seria “o Objeto” em si, mas o objeto da posse do outro, germe do ciúme primordial.

¹⁷Lacan parte do objeto enquanto falta, na estrutura do sujeito, e traz a questão para pensar na mesma linha de Freud, no que concerne à estrutura do desejo.

Reunimos até então uma resenha da violência na estruturação intrapsíquica, o que nos faz subentender que sua eclosão não é espontânea, mas intrínseca à espécie humana, revelando-se em toda a sua plenitude na medida em que estabelece laços com o semelhante.

Se esta exposição insiste na repetição, talvez um dos motivos seja a necessidade de encontrarmos um caminho didático para assunto tão complexo. Cada conceito está intimamente ligado ao outro, tal como se dá a estrutura do próprio homem, que não é um somatório de etapas, ou um campo desenvolvimentista, ou uma tábula rasa de inscrições ambientais. O homem falante é fruto de uma interação - não cronológica, mas lógica - com o mundo da linguagem que o cerca, o que procuramos traduzir pelas errâncias do sujeito diante do desejo, em sua diferenciação do objeto.

5. DO SUBJETIVO AO SOCIAL

“(...) veremos que a natureza não ensina nada, ou quase nada, ou seja, que ela *obriga* o homem a dormir, a beber, a comer, a se garantir bem ou mal contra as hostilidades da atmosfera. Também é ela que leva o homem a matar seu semelhante, a comê-lo, a seqüestrá-lo e a torturá-lo; pois, assim que saímos da ordem das necessidades para entrar na do luxo e dos prazeres, veremos que a natureza que criou o parricídio e a antropofagia, e mil outras abominações que o pudor e a delicadeza nos impedem de nomear. É a filosofia (falo da boa), é a religião que nos ordena a alimentar parentes pobres e doentes. A natureza (que não é outra coisa senão a voz do nosso interesse) nos ordena a matá-los. Passem em revista, analisem tudo o que é natural, todas as ações e os desejos do puro homem natural, vocês acharão tudo horrível. Tudo o que é belo e nobre é o resultado da razão e do cálculo. O crime, do qual o animal humano extraiu o gosto no ventre da mãe, é originalmente natural. A virtude, ao contrário, é *artificial*, sobrenatural, pois foi preciso, em todos os tempos e em todas as nações, deuses e profetas para ensinar a humanidade animalizada, e que o homem, *sozinho*, teria sido impotente para descobrir. O mal é feito sem esforço, *naturalmente*, por fatalidade. O bem é sempre o resultado de uma arte.”

Charles Baudelaire (1893)

5.1 A CONSTITUIÇÃO DE UM EU

Se já verificamos que, segundo a Psicanálise, o ser humano encontra-se marcado por uma violência constitutiva, deveremos agora investigar as condições de exaltação de tal violência, já que a civilização e o *logos* encarregam-se de inibir o “lobo do homem”.¹⁸

“O ego¹⁹ tem de ser desenvolvido”(Freud, 1914, p. 93). Assim Freud refere-se a esta estrutura, que não coincide com a consciência cartesiana. O eu concebido por ele encontra-se claramente estudado no texto de 1914: “Sobre o narcisismo, uma introdução”. É instância que não se apresenta no psiquismo “*pret à porter*”. Freud começou esse desenvolvimento com a *primeira experiência de satisfação*, para introduzir a íntima dependência do sujeito ao outro em seu desamparo inicial. Retomamos tal recurso mítico, por referir-se a uma fase anterior à linguagem, em que o bebê recebe uma marca inaugural de satisfação, apoiada na necessidade, uma função de autopreservação, que vai

¹⁸ Referência ao comentário de Freud, no *Mal estar da civilização* (1929).

¹⁹ Reproduzimos *ego*, como se encontra na versão em português, mas entenda-se aí o que Freud chamou de “*ich*”, portanto, o *eu*. Lacan vai mais além: chama o *eu* inconsciente de “*je*”, e o eu, da ordem do chamado registro imaginário, que corresponderia ao eu do narcisismo, de “*moi*”.

propiciar o estabelecimento do ego primitivo. Apresentada no *Projeto* (1895) e repetida na *Interpretação dos sonhos* (1900), por ocasião da primeira tópica, justamente no primado do dualismo pulsional, a referida experiência leva em conta uma marca deixada pelo objeto que se perdeu, dando início à moção do desejo, a qual impulsiona o processo de repetição do aparelho, como já havíamos mencionado. Resumindo: numa primeira descarga motora, o aparelho não é completamente aliviado de sua tensão interna. Um outro deve comparecer com cuidados à criança, para dar conta de seu desamparo. Mas não é só ao alívio do aparelho que Freud se refere. Ao ser atendido, uma marca ou um traço se impõe a esse “*infans*”²⁰, investindo numa imagem mnêmica que será impulsionada por ação neuronal, sendo a primeira ativação do desejo. Em seu texto sobre o narcisismo, parece situar melhor esse momento, chamando-o de auto-erotismo, em que circunscreve as primeiras satisfações auto-eróticas ligadas às funções vitais, o que coincidiria com a chamada experiência de satisfação. Aqui a libido do eu e a libido do objeto ainda não estariam distintas. Mas algo será acrescentado a esse auto-erotismo para provocar o narcisismo, ou a primeira idéia do eu. Ele dirá em “Sobre o narcisismo; uma introdução” (1914):

²⁰ Expressão cunhada por Lacan, para dar conta da criança antes de usar a linguagem.

“Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo.” (p.93)

A interessante expressão “nova ação psíquica” aponta a necessidade do aparecimento do campo simbólico, ou do semelhante, para que esse tempo do narcisismo se constitua. O eu, ou o narcisismo, seria aquilo que se constitui como sendo o que o sujeito pensa que é. A primeira experiência aparece no texto freudiano como “auto-erótica”, e não podemos deixar de achar que o outro está presente desde sempre, senão não haveria a possibilidade de colocar o aparelho psíquico para funcionar, e o ser pereceria, o que seria conflitante com a expressão “auto”. Poderíamos ainda avançar em nossas indagações e investigar que tensão romperia esse suposto equilíbrio mítico do auto-erotismo senão a ação da pulsão de morte com seu caráter expulsivo. Dessa forma, o narcisismo é configurado por Freud como o investimento libidinal sobre o corpo tomado como objeto, num amor a si próprio. O nascimento do eu, na verdade, é função essencial do aparelho, no sentido de promover uma unidade ao caos pulsional dos primeiros momentos da vida.

O primeiro eu passará a ser tensionado na direção dos objetos da pulsão, na medida em que aquele que cuida da criança solicite, e assim começará a ser demarcado esse corpo, anteriormente tomado como

objeto, dentro de um universo de palavras. Aparece, a partir daí, o segundo narcisismo, que estabelece a ligação do sujeito ao semelhante. Na verdade, as relações inter-humanas estão apoiadas nos primeiros modelos de relação da criança com os objetos, do tipo oral, anal e genital.

A partir de 1923, Freud constrói um aparelho psíquico cuja sede estaria nas pulsões, no *id*, ou no *isso*. Encontramos a confirmação dessa operação na famosa citação: "*onde o isso era o eu passará a existir*"²¹, comentada na "Conferência XXXI" (Freud, 1932). Refere-se as suas novas concepções de extratificações e divisões do aparelho psíquico. Expõe que o ego se constitui como uma parte do *id* que se modificou. Ou seja: levando-se em conta que o *id* seria o reservatório de pulsões, poder-se-ia aduzir que, na operação de investimento libidinal que a pulsão efetua na busca de um laço com o outro, nasce o homem, um ser pulsional.

Acrescentamos à sua análise da estrutura egóica os relevantes comentários do capítulo VII de "Psicologia de grupo de análise do ego" (1921), nos quais indica que, para a formação de um eu, há uma busca de assemelhar-se ao outro, pelo processo da identificação. Isso seria a confirmação de uma dependência fundamental no pensamento lacaniano,

²¹ "*Wo es war, soll ich werden*" - no original.

segundo o qual a identificação é um tipo de “alienação”. É o que nos daria a possibilidade de nos tornarmos humanos. Busca-se a semelhança pela via dos traços que o outro apresenta, como exemplifica sobre a tosse de *Dora*, semelhante à do pai.

O processo de diferenciação entre o eu e o outro esbarra em pontos de tensão. São conflitos que, na teoria freudiana, encontram-se circunscritos à noção intrapsíquica do eu enquanto instância, em sua relação diferenciada com o id, no que tange às defesas, mas também ao recalque e às exigências do princípio da realidade. Na esfera edípica, a identificação redonda num conflito, pois implica sentimentos concomitantes de amor e ódio que precisam ser assimilados, resolvendo-se o problema dessa ambivalência amorosa. Na publicação do caso clínico “Homem dos ratos” (1909), Freud investiga esses afetos herdeiros do complexo de Édipo:

“Outro conflito, entre o amor e o ódio, atinge-nos com uma estranheza maior. Sabemos que o amor incipiente com freqüência é percebido como o próprio ódio, e que o amor, se se lhe nega satisfação, pode, com facilidade, ser parcialmente convertido em ódio; os poetas nos dizem que nos mais tempestuosos estádios do amor os dois sentimentos opostos podem subsistir lado a lado, por algum tempo, ainda que em rivalidade recíproca.” (p.239- 240)

O que nos diz ele? À saída do Édipo subentende-se que as escolhas amorosas que carregam desde a mais tenra idade, conjuntamente com aqueles sentimentos ambíguos de amor e ódio pelos genitores, tendem a fazer recalcar o sentimento de ódio e a prevalecer o amor.

“Só é possível sob condições psicológicas bastante peculiares e com a cooperação do estado de coisas presentes no inconsciente. O amor não conseguiu extinguir o ódio, mas apenas reprimi-lo no inconsciente; e no inconsciente o ódio, protegido do perigo de ser destruído pelas operações do consciente, é capaz de persistir e, até mesmo, de crescer. (...) o amor consciente alcança (...) grau de intensidade (...) a ficar suficientemente forte para a eterna tarefa de manter sob repressão o seu oponente. A condição necessária para a ocorrência de um estado de coisas tão estranho na vida erótica de uma pessoa parece ser que, numa idade realmente precoce, em algum lugar no período pré-histórico de sua infância, ambos os opostos ter-se-iam separado e um deles, habitualmente o ódio, teria sido reprimido.” (p. 240)

Se o narcisismo se forma como um amor-a-si, é porque toma o próprio corpo enquanto primeiro objeto (a imagem corporal). Esse momento, perdido para sempre, o sujeito deseja recuperar em cada escolha amorosa, buscando sua suposta completude ou totalidade. Essa imagem corresponde a seu *eu ideal*, que vem a ser a estrutura que se constitui na esfera da libido do eu, a partir de um narcisismo primário. Já o *ideal do eu* diz respeito ao desejo que o outro porta e que o sujeito

tentará decifrar pela via da imagem idealizada. Um investimento a partir da libido de objeto.

Em Lacan, alguns textos também podem-nos fazer avançar nesse percurso do nascimento da subjetividade, como em “El estadio del espejo como formador de la función del yo (je) tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica”, apresentado em 1949 e publicado nos *Escritos* (Lacan, 1966). Aqui encontramos teorizada a “nova ação psíquica” mencionada por Freud. Utilizando o espelho como metáfora, ressalta que o eu se constrói no mimetismo da imagem de seu próprio corpo até a ressignificação no campo da palavra, ou campo do Outro (com O maiúsculo), onde há a alienação ao semelhante instalada num ponto ideal (coincidindo com nossa descrição anterior sobre essas instâncias idealizadas). A necessidade de uma captura imaginária entre os seis e os dezoito meses faz uma conexão da “normatividade pulsional” com uma “normatividade cultural”. Lacan quer dizer, com tais expressões, que, da identificação com o *eu ideal*, enquanto imagem de perfeição narcísica, a criança caminha na direção de um *ideal do eu*, que seria a identificação com o desejo expresso no outro. Ou seja, o outro lhe “fala” de seu desejo, apontando-lhe seu berço simbólico. É um ponto que se afasta do de Freud, quando nos apresenta um eu, não como a superfície de um aparelho, estabelecida em *O Ego e o Id* (Freud, 1923), mas como uma unidade correspondente à projeção de uma superfície, isto

é, no campo virtual. A imagem é fundamental, pois cria a ilusão de completude e calma com o narcisismo diante de um corpo fragmentado pela ação pulsional. O eu ou, como o autor prefere, o “*moi*”, refúgio narcísico do sujeito, será fruto dessa ilusão. É a característica do chamado registro imaginário, apresentado por Lacan como dual, por ressaltar a especularidade.

O eu seria imagem apreendida em três tempos, concordando com as escansões da fantasia. O narcisismo inicia-se no campo da fascinação, em que o bebê pensa que é o outro que se encontra no espelho. Torna-se possível para ele, nesse processo, acessar à “gestalt” do seu corpo. Ainda não pode tomar consciência do espaço tridimensional que habita, mas antecipa sua imagem numa exterioridade corporal.

Num segundo momento, a confusão se estabelece, pois surge um reconhecimento de duplicação, a partir do reconhecimento no espelho. Confundem-se familiaridade e estranheza, amor e ódio, completude e falta, estabelecendo-se a alienação e ao mesmo tempo a separação do objeto. É o momento de tensão que provoca a separação desse duplo especular, visto como rival. Quem é o sujeito, quem é o outro?

Para sair do impasse, na finalização do processo, a criança precisa lançar mão do discurso, diz Lacan, e concordam outros autores:

“Vimos nos *Seminários* de Lacan, que é no outro e pelo outro que a criança aprende a se reconhecer; que seu desejo, tal como seu corpo, não é vivido inicialmente como seu mas projetado e alienado no outro. A única saída pra esse desejo alienado no outro é a destruição desse outro. No plano da relação imaginária, o desejo alienado só pode libertar-se na medida em que desapareça o outro como suporte do desejo do sujeito.(...) A coexistência entre duas subjetividades autônomas seria impossível. É exatamente através do simbólico, da linguagem, que o desejo vai entrar numa relação de reconhecimento recíproco, na troca simbólica do *eu* e do *tu*.” (G. Roza, 1984 p.228)

O que está indicado é que o *eu* nasce numa oposição ao *tu*. O *eu* não tem possibilidade de autonomia com relação à ordem simbólica nem podemos considerá-lo como sinônimo de “razão”²². O campo discursivo, entretanto, torna-se fundamental como mediação dos desejos destrutivos entre o sujeito e o outro.

Voltando ao espelho, este faz uma torção na realidade, da qual o neurótico nada quer saber. Lacan, lembrando-nos o epigrama do filósofo - “o discurso foi dado ao homem para esconder seus

²² Não podemos desconsiderar que o ego possui para Freud um núcleo inconsciente, trabalhado em 1921, em *Psicologia de grupo e a análise do ego, como uma “herança arcaica” da mente humana*.

pensamentos” -, afirma que a função essencial do ego está muito próxima da recusa sistemática em reconhecer a realidade. E concorda com Freud quanto à incessante busca da ilusão de unidade pelo homem, premido pelo temor de retornar ao caos pulsional de onde partiu. Ou seja, o eu dá a ilusão de unidade, mas o perigo de retorno ao estágio inicial está sempre presente.

O texto “Agressividade em psicanálise” (Lacan, 1966), de 1948, aborda o impasse dessa genealogia do eu que oscila entre o familiar e, ao mesmo tempo, conserva-se como o “estranho”²³, em seu encontro com o outro. Aqui não poderíamos situar o movimento da pulsão de morte como desejo de destruição em seu investimento imaginário? O pensamento lacaniano deixa claro que a estrutura egóica desde o início se manifesta com uma “relatividade agressiva”. As teses que desenvolve supõem que, na presença de um outro, vislumbrado enquanto objeto, é que a intenção de agressividade se manifesta. Há a introdução, neste texto, de um ciúme primordial que se estabelece entre o sujeito, o objeto e um outro, iniciando uma relação triangular. Daí a tensão agressiva. Este seria o objeto do desejo humano: o objeto desejado por um outro. Ele trabalha a estrutura do eu como uma estrutura paranóica, sempre referida a uma presença persecutória do outro e, portanto, a agressividade a esse outro estaria montada a partir do efeito do

²³ Referência ao texto de Freud “O estranho”, de 1919.

narcisismo. O chamado “escudo narcisista” seria o ponto de afastamento do homem da natureza, na medida em que desperta o desejo pelo objeto do desejo do outro e engendra seu complexo relacionamento com o semelhante, pois, ao estabelecer um laço social, deve pagar o preço da perda do objeto cobiçado.

Numa meia volta à tese de 1933, já mencionada, veremos que os casos de paranóia, devido a sua brutalidade e impulsividade, portam até uma preocupação social, pois o impasse do duplo especular percebido como “rival” só se resolve no ato homicida. Se a tese traz a concepção de um “impulso homicida primordial” no psiquismo humano, assentado exatamente na base da paranóia, qual seria o momento em que essa violência poderia ser deflagrada como nos casos que estudou? O “caso Aimée” situa a ambivalência afetiva da doente, deslocada para a irmã mais velha, e assim declara o autor:

“Se, no curso de seu delírio, Aimée transfere para várias cabeças sucessivas as acusações de seu ódio amoroso, é por um esforço para se liberar de sua fixação primeira, embora esse esforço seja abortado: cada uma das perseguidoras não é verdadeiramente nada mais que uma nova imagem, sempre inteiramente prisioneira do narcisismo, desta irmã da qual nossa doente fez seu ideal.”
(p.389)

O “eu”, em sua forma paradigmática na paranóia, afasta-se da instância familiar e afirma-se em sua vertente de estranheza para o sujeito, parecendo-lhe uma alteridade ameaçadora. Tal qual num espelho. Estaríamos no cerne da questão hegeliana diante do conflito da coexistência entre duas consciências, que só pode ser resolvido pela destruição de uma delas.

Já no seu estudo do crime das irmãs Papin, no delírio persecutório a dois, elas realizam a mais velha metáfora do ódio: “vou arrancar-lhe os olhos”, o que, na credence popular, encontramos como o “mau olhado”. Essa dimensão narcísica da psicose Lacan chamará de “regressão narcísica” ao estágio do espelho, que culmina na fórmula “é ele ou eu” (Miller, 1989).

Seria o complexo de Édipo, enquanto sublimação pulsional, que possibilitaria a solução da ambivalência de amor e ódio, pois:

“a identificação edípica é aquela pela qual o sujeito transcende a agressividade constitutiva da primeira individuação subjetiva.” (Lacan, 1966, p.110)

Ao pesquisarmos o texto “Some Reflexions on the Ego” (Lacan, 1951), fica-nos mais claro que o “ego”, enquanto imagem do corpo, aparece com frequência nos sonhos e fantasias das pessoas como

despedaçado, aparentando um corpo “morcelê”, explica. Continuando, ensina que, sob determinada tensão interpessoal, no jogo puramente imaginário, há a passagem do indivíduo para um estágio de primitiva formação egóica: despedaçado (pela ação pulsional). Só que pela inversão do espelho, como no caso do duplo especular, esse despedaçamento deve ocorrer no outro. Concluimos que, desta maneira, a passagem ao ato violento processa-se no puro registro especular.

Lacan faz ainda referências ao ego em sua relação com o real, o que só é possível através do campo da linguagem, que permite ao sujeito, por intermédio das palavras, a possibilidade de reconhecer um outro e superar o desejo de seu aniquilamento.

5.2 DO EU AO OUTRO

O conflito entre o sujeito e a civilização sempre esteve presente. A natureza pulsional humana mostra-se incompatível com a vida civilizada do sujeito. Mesmo recalçada, continua a buscar sua satisfação, mas o recalque só remete ao desprazer. É uma descontinuidade a relação do homem com o mundo ou com a natureza. Será que o projeto do homem deu certo?

Como explicar a repetida busca de experiências desagradáveis que não comportam satisfação? Só a pulsão de morte e sua característica destrutiva justificam. A civilização tem como meta a organização da sociedade e sua proteção do natural. Se o caráter de uma violência constitutiva se faz presente na espécie humana, serão os princípios da cultura que deverão recalá-la, já que uma e outro (violência e laços afetivos) são incompatíveis. No texto *O mal estar da civilização* (1929), Freud detém-se especialmente sobre os fins em que o homem se fixou para tentar alcançar a complexa fórmula de felicidade. Segundo ele, a constituição pulsional da espécie é obrigada a sofrer um mecanismo de renúncia para obter seu ingresso nos processos culturais. Nesse sentido, o instinto, a natureza, a essência de ordem animal foi abandonada no momento em que o homem passou a ser falante. O que está em jogo nos códigos lingüísticos da fala é a relação entre “a coisa” em si e sua representação, que remete os seres falantes à coisa em si, não necessariamente “in effigie”, mas àquilo que mais trabalha a psicanálise: a ausência.

Continuando a leitura do mesmo texto, as diversas formas discursivas encontradas pela humanidade não foram eficazes para livrá-la da angústia que o tempo todo sinaliza para o que opera em sua existência, apesar do processo da culturalização. Segundo Lacan, não há revestimento discursivo possível que opere sobre a falta. A religião, a ciência e até mesmo a educação formaram discursos que até nossos dias não mostraram sua eficácia para livrar o homem do mal-estar.

Pela ciência o homem tentou submeter e controlar a natureza. O cientista, na busca da descoberta das verdades, não deu conta do sofrimento do sujeito, o que irá provocar Lacan a afirmar que a ciência exclui o sujeito.

Retornando a Freud, ele se refere à religião como tentativa de regulação de um bem-estar impossível, através de seus mandamentos. “Amarás o próximo como a ti mesmo” ou “não matarás” seriam a antinomia do desejo inconsciente, pois um dos maiores problemas da civilização seria exatamente a agressividade. No seu entender, o discurso religioso procura atenuar o sofrimento através de um remodelamento delirante da realidade, da mesma forma como agem as drogas. Isto causaria um desperdício de energia e alienação de parte de nossa sociedade. Quanto à felicidade, a religião irá postergá-la para uma vida “post-mortem”, ou seja, não há lugar para o prazer nesta vida.

Catherine Millot (1989) vê a religião a serviço de nosso narcisismo, que se mantém à custa de recalque (p.100). Este deve operar sobre o impulso agressivo, como vimos, mas não pode impedir que, na formação de cada sujeito, a agressão esteja voltada contra si, ao invés de ser despejada sobre outros semelhantes. Esta é a noção freudiana da tensão entre o eu e o supereu, que se manifesta como sentimento de culpa. Se Tanatos destrói alguma coisa, não destrói o próprio eu; se não destruísse o exterior, voltaria para si essa agressão. A solução para o impasse estaria no ideal civilizatório da sublimação. As produções humanas sobre Deus e o Diabo, o judeu e o ariano e outras criações singulares, encontradas nas diversas manifestações culturais, trabalham com o mal associado ao destrutivo. Seria função de Eros unir os povos e as famílias. Representa o próprio esforço de viver. Senão, vejamos: se o eu se constitui numa ação recíproca, especular, é porque ao agir sobre um outro, libidinalmente, guarda o interesse de um retorno de origem narcísica. Esta estruturação está presente em toda organização de grupos. Para Freud, a natureza dos laços nos grupos é de origem amorosa, tendo, portanto, a marca do especular, que seria a identificação possível a um outro. O amor torna-se necessário para fazer as ligações, até para o sujeito consentir em se submeter a todas as armadilhas dos ideais. A formação de grupos é trabalhada por ele (1929) como uma das soluções que a humanidade encontrou para aplacar sua angústia. O que conta nesse processo de identificação é que, pela via amorosa, são assimilados

traços de um outro - do líder, em se tratando de grupos, ou do pai, em se tratando de família.

Ainda no tocante aos grupos sociais, encontramos, em *Psicologia de grupo e a análise do Ego* (1921), os fenômenos que se delineiam nas organizações grupais. Todo o tempo a Psicologia é individual e também social (p.91), diz Freud, e o indivíduo é investigado como um componente daquele determinado grupo.

Interessa-nos, especialmente, o desenvolvimento que dá à questão de “qual é a natureza da alteração mental que o grupo força no indivíduo” (p.95).

Para Freud, as características mais arrojadas que os grupos apresentam como unidade e, não, individualmente, são o resultado da manifestação do inconsciente de seus membros, como um contágio. Avalia ainda que:

“Tem um sentimento de onipotência: para o indivíduo num grupo a noção de impossibilidade desaparece.

“Um grupo é extremamente crédulo e aberto à influência; não possui faculdade crítica e o improvável não existe para ele. Pensa por imagens, que se chamam umas às outras por associação (...), e cuja concordância com a realidade jamais é conferida por qualquer órgão razoável. Os sentimentos de um grupo são sempre muito simples e muito exagerados, de maneira que não conhece a dúvida nem a incerteza.”(1921)

Se passamos a contextualizar a cultura e a civilização, como produção humana, não podemos deixar de lado a família, como o primeiro grupo no qual se faz uma ligação. Tomemos o texto *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (LACAN, 1987), no qual é ressaltada a família como obra cultural que “introduz uma nova dimensão na realidade social e na vida psíquica”(p.11). E mais: “ela (a família) desempenha um papel primordial na transmissão da cultura” (p.13). Entende que a família constitui uma “unidade doméstica” (p.29) privilegiada dentre os afetos do indivíduo. O mundo da criança seria então interpretado exatamente pelo aparato simbólico de sua família.

5.3 EM TEMPOS DE AMOR E DE GUERRA

Uma tese frequentemente discutida é a da delinquência tomada pelo viés da identificação com a figura do líder e da sugestão. Reforçamos aqui o que acreditamos ser *identificação* e, não, *identidade*. Identificação implicaria a operação psíquica largamente explanada por Freud, cuja forma paradigmática seria o Édipo. Na leitura lacaniana, seria a possibilidade de apreensão do registro do real que cada um de nós faz, pela via de seu aparato simbólico, com um recobrimento imaginário. Já *identidade* leva a crer apenas no registro da aparência. Como se no ato

da identificação especular apenas a imagem fosse levada em conta, sem a interferência do discurso.²⁴

Mas será que essa vertente esgotará a problemática do adolescente que se torna delinqüente pelo processo da identificação a figuras idealizadas de sua comunidade? Isto se torna observável nas próprias entrevistas com os menores, que tivemos em mãos, e mesmo no trabalho de Zaluar (op. cit) no tocante aos marginais de maior destaque do morro, que se oferecem como modelos aos jovens da comunidade.

Em 1923, Freud, numa correspondência com Einstein (“Porque a guerra”), tenta explicar o desejo de guerra e de destruição da humanidade, avaliando que há um ódio latente nos homens. A guerra nos é apresentada como a maior oposição à atitude psíquica incutida pelo processo de civilização. Ou seja, quanto mais próxima das atitudes violentas, mais próxima da barbárie estaria a civilização.

O direito ocupa um amplo espaço de discussão nesse trabalho, no qual é citado como a antítese da violência. Talvez porque, ao interrogar as leis, enquanto discurso, tenha-se a medida exata da violência de uma determinada população. Ao ser mencionado o “não matarás”, faz-se consciente um desejo de matar.

²⁴ A questão da identificação, com tal distinção, é fartamente estudada por Lacan no seminário “A identificação” (inédito).

A lei é reconhecidamente a força de uma comunidade. Ou seja, é preciso que seus membros estejam identificados com o aparelho legal. E essa operação, já vimos, dá-se pelo viés amoroso. A imperiosidade de respeito às leis remete-nos a um plano simbólico, moral e ético ao qual toda a população deva estar submetida. Lembremos que, no mito do Totem, a legislação é que pôde estabelecer um pacto entre a comunidade. Se a lei favorecer a alguns, ela já comportará a injustiça, que liberará a violência, pois o que originou aquela foi exatamente a força bruta.

Freud acredita que a justiça da comunidade será sempre injusta ao exprimir graus desiguais de poder, já que há uma tendência dos governantes de se colocarem fora do domínio da lei, escapando para o da violência. Em sua leitura, a rebelião e a guerra civil se dão na medida em que os subjugados tentam tomar o poder da classe dominante. Resumindo, o texto nos leva à perplexidade, pois, se no final do segundo milênio ainda nos propomos estudar a violência, Freud declarava, já no início do século, que tudo o que estimularia o crescimento da civilização trabalharia simultaneamente contra a guerra.

Ora, como bem lembra Jurandir Costa (1986), em sua dissertação sobre violência, temos que levá-la em conta como “solo da humanização”. Portanto, a violência não se extingue pela cultura, mas nela sobrevive, em dupla com a lei, imprimindo a marca indelével de sua existência.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do Mesmo

*Dado Villa-Lobos/ Renato Russo/
Renato Rocha/ Marcelo Bonfá*

Ei menino branco o que é que você faz aqui
Subindo morro pra tentar se divertir
Mas já disse que não tem e você ainda quer mais
Por que você não me deixa em paz?

Desses vinte anos nenhum foi feito pra mim
E agora você quer que eu fique assim igual a você
É mesmo, como vou crescer se nada cresce por aqui?
Quem vai tomar conta dos doentes?
E quando tem chacina de adolescentes
Como é que você se sente?

Em vez de luz tem tiroteio no fim do túnel.
Sempre mais do mesmo
Não era isso que você queria ouvir?

Bondade sua me explicar com tanta determinação
Exatamente o que eu sinto, como penso e como sou
Eu realmente não sabia que eu pensava assim
E agora você quer um retrato do país
Mas queimaram o filme
E enquanto isso, na enfermaria
Todos os doentes estão cantando sucessos populares
(e todos os índios foram mortos)

Nossa proposta nesta pesquisa foi investigar a violência, motivados e instigados por aqueles jovens delinquentes que vêm praticando delitos na cidade. Ao contrário de outros contextos, não se trata de matança engendrada por guerra civil, mando militar, diferenças ideológicas ou raciais. Vemos jovens, recém-saídos da infância, que começaram precocemente uma vida de crimes. Na ocasião em que estudamos as famílias e a situação de vida de um grupo significativo de menores, a calamidade econômica e social foi o aspecto evidenciado mais gritante, e é comum que a maioria das opiniões correntes busque a resposta dos atos delinquentes na extrema pobreza, ou seja, no contexto social.

Procuramos levantar conceitos e noções, no interior da teoria psicanalítica, que pudessem esclarecer-nos sobre a constituição do fenômeno da violência. O material da exposição, entretanto, requereu cuidadosa reflexão. Ao nos imbuirmos de um rigor psicanalítico, acabamos por nos afastar da terminologia “sintoma social”. Verificamos que a violência se incluía na categoria de um “ato” e que “sintoma” seria uma operação que remeteria ao processo de substituição simbólica.

Ao contrário, segundo os textos freudianos, o ato violento remete à carência simbólica - tese esta refletida na teoria mitológica, na etiologia do aparelho psíquico, implicando um “apagamento” do sujeito.

Ora, como sujeito, entendemos o ser falante, submetido à cadeia da linguagem e, portanto, distinto da espécie animal. Se em Freud a violência é

constitutiva, encontra-se de forma indelével ligada ao ser humano. Se há um humano, há o ato. E daí remontarmos ao começo da existência da história do homem, encontrando um tempo mítico de carência do simbólico. Como se estivesse aquém da linguagem, ou do registro das palavras, mas tentando estabelecer uma marca para o sujeito, que determine o limite entre ele e o outro. Situa-se aí a gênese do “*innenwelt*” e do “*unwelt*”. Corresponderia ainda a querer dizer alguma coisa, mas não dizer. Atua. Na conceituação lacaniana, que considera três registros enodados como constituintes do campo psíquico - o real, o simbólico e o imaginário -, o ato encontrar-se-ia como efeito do registro do real. Lacan, em consonância teórica com Freud, aponta de igual maneira a anterioridade do real em relação ao simbólico. Lembremos que, na experiência do “*fort-da*”, imortalizada por Freud, foi diante da angústia do desaparecimento da mãe, ou seja, um legítimo afeto do real, que houve a necessidade de recobrir-se tal vazio com o balbucio enquanto representante pulsional, associado à repetição de um ato. O real seria o registro do incognoscível. Mas, quando promove a repetição, reflete sua face mais aproximativa do simbólico. Assim é montada a estrutura significante e o aparelho psíquico. Pela repetição, no caso da experiência - o re-envio do carretel -, um traço se inscreve no psiquismo, causando uma marca que se liga a um conteúdo ideacional, iniciando a cadeia da linguagem. Através do ato de repetir, haveria a tentativa de uma manifestação em nível significante, que, no entanto, só permanece na intenção. Lacan nos diria que o real “não cessa de não se inscrever”. Dessa forma a violência, como repetição, comportar-se-ia como um tipo de sinal (onde há a intenção de dizer alguma coisa para alguém), mas não chega a fazer signo (não se inscreve numa cadeia de significantes).

Desde a distinção entre os conceitos de ato e sintoma, passando pela eleição de alguns mitos trabalhados por Freud, chegando à constituição do aparato psíquico e egóico, fica evidente que a formação da espécie humana não poderia prescindir do tecido simbólico para existir. Concomitantemente, a Psicanálise nos indica que não estamos forjados como animais domesticados, que ocasionalmente botam “as unhas de fora”. Ao contrário, o ser falante habita o mundo das palavras, exatamente por definir-se a partir de uma pulsão destrutiva, que, ligada a um significante que a represente, distingue-o do animal e, em seu movimento pendular, demarca-lhe o campo de existência. Daí ser-lhe imprescindível. Senão, vejamos. Ao concordarmos com Freud que a pulsão pode ter diversos destinos, um deles leva em conta que é a pulsão de morte desviada por Eros, ou o amor, que, transformada, promove os laços. Tal desvio pulsional seria uma das expectativas da civilização. Outra possibilidade quanto a nossa carga destrutiva diz respeito ao retorno ao próprio eu, no qual se daria a interiorização em forma de sentimento de culpa.

Outro destino da pulsão manifesta-se diante de um sujeito contra o outro, na ocasião do “estádio do espelho”, pois evidencia-se a pulsão no caráter de puro impulso em sua busca do objeto de satisfação. O impasse dual, de natureza especular, seria o fundamento, no nível imaginário, da pulsão, presente em forma de atentado ao outro nos conflitos mais agressivos. É fundamental que haja o discurso para mediar esse contato, caso contrário, a tensão especular pode ser mortífera.

É pertinente lembrar que, se estamos tecendo considerações em torno da simbolização, Lacan, em seu estudo “Some reflexions on the ego” (op. cit), pergunta sobre o que torna possível a troca simbólica. Por que um objeto pode equivaler-se a outro? O que viabilizaria a comparação e a troca de objetos? Estaríamos entrando aqui na ordem fálica dos objetos. O falo sinaliza que há um simbolismo especial que elege certos objetos na ordem da escolha dos sujeitos.

As primeiras trocas simbólicas da criança, ou seja, as que instituem a via da substituição ou troca possibilitadas a partir da identificação edípica, dão-se por intermédio da família. É como se internaliza o meio e se vai montando a realidade. Em nossa observação das famílias dos menores, lidamos com comportamentos repetitivos, com práticas semelhantes, quer sejam de natureza religiosa, padrões educacionais, afetivos, etc. Retomando o texto lacaniano sobre *Os complexos familiares* (1987), são as gerações, por intermédio dos padrões familiares, que dão “uma continuidade psíquica cuja causalidade é de ordem mental”.(p.13). As famílias estudadas, devido a desdobramentos de alcances vários, promoveriam um tipo de hereditariedade social, em cujo cerne proliferariam processos extremamente violentos, desde eras tempranas, os quais o menor reproduz com o semelhante.

Pensamos em avançar na articulação entre o mundo da experiência individual e o coletivo, responsabilizando o sistema capitalista pelas demandas insufladas aos sujeitos. Este é o meio em que vivemos. Poderíamos considerá-lo como o campo discursivo do Outro. Diferentemente das sociedades tradicionais, em que a

ordem é estável e o lugar social determinado desde o nascimento, aqui, o sujeito é reconhecido socialmente pelos objetos que porta, como se fosse um prolongamento dos mesmos. Acaba-se trocando a tradição pelo descartável. Um expoente da motivação para o consumo são os epidêmicos “*shoppings centers*”, exercendo fascinante atração sobre as pessoas.

O campo social demanda cada vez mais o consumo de objetos. Desde os livros escolares, passando pelas profissões da moda, não há um lugar ideal, tradicionalmente predeterminado e transmitido na ordem familiar, onde o sujeito possa identificar-se. O ideal do eu que se oferece ao sujeito é a pele branca, os valores de classe média e, principalmente, a identificação como consumidor de bens. Ora, sabemos que não se pode medir alguém pela via de seus bens, mas a relação promovida no capitalismo é com o mercado, e não com o sujeito e, com isso, atropela-se sua existência. O consumo põe em jogo a relação sujeito-objeto, como se o desaparecimento do *mal-estar* ficasse associado a um ideal de felicidade pelo consumo incessante. Na atual conjuntura social, supõe-se que a satisfação possa ser alcançada pelo acesso a determinados objetos, cada vez mais descartáveis, e o homem já não tem mais o que inventar (ou demandar) para obter prazer. Lacan ressitua a posição do desejo, mostrando com seu ensino que o desejar parte de uma falta, sendo mortífero para o sujeito virar uma máquina de gozar.

A cultura que se produz não oferece possibilidades de um enganchamento simbólico para grande parte dos cidadãos que, destarte, passam a ser

socialmente excluídos pela carência do poder de consumo. O capitalismo brasileiro evoluiu de tal forma que não sobram laços com esta população. Trata-se de uma massa que ficou fora do sistema educacional e do mercado de trabalho. Nossa organização social não permite um pacto simbólico, através do qual todos se reconheçam e “falem a mesma língua”. Não há lei ou qualquer pacto entre a sociedade e este grupo. Daí um permanente estado de guerra com o semelhante, pois, *onde carece o simbólico, é que eclodirá a violência*. É uma situação que aproximamos ao tempo mítico do “pai primevo”. Pensando com Lacan, poderíamos supor que existiria uma pobreza simbólica para revestir o real, sendo constantes as atuações.

Os menores de idade parecem segregados do resto da população, por não haver mais língua ou produção cultural que os identifique, que os subjetive no panorama atual. Talvez os nomes de “pivetes”, “meninos de rua”, “delinquentes” sejam as referências impingidas socialmente. Não se os chama nem mais de “moleques”. Ainda representariam uma possibilidade de troca com o restante da sociedade os bailes “*funks*”, os “*raps*”, como derradeiras manifestações culturais que fascinam os jovens de classe média, já que o carnaval, reduto dos malandros de outrora, não é mais representativo de sua comunidade. Perguntamo-nos até que ponto o mercado de drogas, ao qual alguns deles se associam precocemente, não representa nesse panorama a possibilidade de freqüentarem um campo de trocas simbólicas. De um lado, atende aos interesses emocionais, de relação afetiva com o grupo marginal, como já estudamos; de outro, esse mercado possibilita algum tipo de inclusão nos tesouros da classe média, pois, se esta deseja o que eles detêm, aqueles, por sua vez, ambicionam o

capital que lhes dá acesso a “tênis de marca”, “bicicletas importadas”, “carros do ano”, etc. Assim se mantém a troca.

Em tese, a violência estaria ligada à passagem ao ato. E tanto na neurose, na psicose ou na perversão, a agressão ao outro visaria resolver algo que dissesse respeito a uma aflição de ordem existencial diante de uma alteridade, devido à carência de significante. Seria uma manifestação objetivando situar o desejo, encoberto pelo domínio da demanda. Quer dizer: aceder ao domínio do subjetivo pela via desejante. Até que ponto o ato que se repete em determinada cultura não se apresenta como tentativa de inscrição de uma fala? De uma fala excluída? E as questões a partir daí, longe de se esgotar, multiplicam-se: seria possível tomar esta violência com valor de linguagem? Seria um signo? Tratar-se-ia de uma nova ética? O que fala a violência?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.
- A. RIFFLET-LEMAIRE. *Jacques Lacan*. Bruxelles, Ed. Dessart, 1970.
- BAUDELAIRE, C. *Obras Estéticas*. Petrópolis, Editora Vozes, 1993.
- BERGERET, J. *La Violence Fondamentale*. Paris, Dunod, 1984.
- COSTA, J. F.(org) *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1986.
- _____. *Redescrições da Psicanálise; ensaios pragmáticos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1992.
- DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher-Masoch; o frio e o cruel*. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora, 1983.
- DOR, J. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1991.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.
- FREUD, S. *A Interpretação das Afasias*. Lisboa, Edições 70, 1977.
- _____. *A correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess. 1887-1904*. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1986.
- _____. *Comunicação Preliminar (1893)*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974. Vol I.
- _____. *O Projeto para uma Psicologia Científica (1895)*. Ibid. Vol. I.
- _____. *Estudos sobre a Histeria (1895)*. Ibid. Vol. II.
- _____. *As Neuropsicoses de Defesa (1894)*. Ibid Vol. III.
- _____. *Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa (1896)*. Ibid. Vol. III..
- _____. *Lembranças Encobridoras (1899)*. Ibid. Vol. III.
- _____. *Interpretação dos Sonhos (1900)*. Ibid. Vol.V.

- _____ . Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901). Ibid. Vol. VI.
- _____ . Três Ensaio sobre Sexualidade (1905). Ibid. Vol. VII.
- _____ . Atos Obsessivos e Práticas Religiosas (1907). Ibid Vol. IX.
- _____ . Caráter e Erotismo Anal (1908). Ibid. Vol. IX.
- _____ . Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos (1909). Ibid. Vol.X.
- _____ . Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva (1909). Ibid.Vol. X.
- _____ . A Psicanálise e a Determinação dos Fatos nos Processos Jurídicos (1906).
Ibid. Vol. IX.
- _____ . Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância (1910). Ibid. Vol.XI.
- _____ . Totem e Tabu e Outros Trabalhos (1913). Ibid.Vol. XIII
- _____ . Recordar, Repetir e Elaborar (1914). Ibid Vol. XII.
- _____ Sobre o Narcisismo; uma introdução (1914). Ibid. Vol. XIV.
- _____ . Um caso de Paranóia que Contraria a Teoria Psicanalítica da Doença
(1915). Ibid. Vol. XIV.
- _____ . Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico (1916).
Ibid. Vol. XIV.
- _____ . Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1916). Ibid. Vol XVI.
- _____ . Uma Dificuldade em Psicanálise (1917). Ibid. Vol. XVI.
- _____ . História de uma Neurose Infantil (1918). Ibid. Vol. XVII.
- _____ . Uma Criança É Espancada; uma contribuição ao estudo da origem das
perversões sexuais (1919). Ibid. Vol. XVII.
- _____ . O Estranho (1919). Ibid.Vol. XVII.
- _____ . Além do Princípio do Prazer (1920). Ibid. Vol. XVIII.
- _____ . Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921). Ibid. Vol. XVIII.
- _____ . A Organização Genital Infantil; uma interpolação na teoria da
sexualidade (1923). Ibid. Vol. XIX.
- _____ . O Ego e o Id (1923). Ibid. Vol. XIX.
- _____ . A Dissolução do Complexo de Édipo (1924). Ibid.Vol. XIX.

- _____ . Inibições, Sintomas e Ansiedade (1926). Ibid. Vol. XX.
- _____ . O Parecer do Perito no Caso Halsmann (1928). Ibid. Vol. XXI.
- _____ . Mal-Estar da Civilização (1929). Ibid. Vol. XXI.
- _____ . Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1932). Ibid. Vol. XXII.
- _____ . Por que a Guerra? (1933) Ibid. Vol. XXII.
- _____ . Esboço de Psicanálise (1938). Ibid. Vol. XXIII.
- _____ . Moisés e o Monoteísmo (1939). Ibid. Vol. XXIII.
- GARCIA-ROZA, L.A. *Acaso e Repetição em Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
- _____ . *Freud e o Inconsciente*. 11ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- KAUFMANN, P. O Legado de Freud e Lacan. In: *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.
- LACAN, J. Algumas Reflexões sobre o Ego. In: *Letra Freudiana, Psicanálise e Transmissão*. Caderno das Jornadas, n.º 1. Rio de Janeiro, Publicação Interna da Letra Freudiana .
- _____ . A Angústia (1963). Seminário não publicado.
- _____ . *Escritos*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1989.
- _____ . O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise. In: *O Seminário*, livro 2. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
- _____ . A Ética da Psicanálise. In: *O Seminário*, livro 7. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- _____ . A Transferência. In: *O Seminário*, livro 8. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
- _____ . Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. In: *O Seminário*, livro II. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1981.
- _____ . *O Mito Individual do Neurótico*. 2ª.ed. Lisboa, Assírio e Alvim, 1987.
- _____ . *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

- _____. *Da Psicose Paranóica em suas Relações com a Personalidade*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa, Moraes Editores, 1970.
- MARINI, M. *Lacan; a trajetória do seu ensino*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- MICHEL, A. *Lacan avec les Philosophes*. Paris, Ed. Albin Michel S.A., 1991.
- MILLER, G. *Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.
- MILLER, J-A. *Percurso de Lacan; uma introdução*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1987.
- MILLOT, C. *Nobodaddy; a histeria no século*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1989.
- PEREIRA, L. M.L. In: Revista da Letra Freudiana, nº 19/20. Rio de Janeiro, 1996.
- POE, E. A. *Os Assassinatos na Rua Morgue e A Carta Roubada*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1996.
- REVISTA da Letra Freudiana. *Pulsão e Gozo*. Ano XI, n. 10, 11, 12. Rio de Janeiro, Dumará Distribuidora de Publicações Ltdª.
- RIBEIRO, D. *O Povo Brasileiro; a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1996.
- RORTY, R. Freud and Moral Reflexion. In: SMITH, J.; KERRIGAN, W. *Pragmatism's Freud; the moral disposition of psychoanalysis*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1986.
- VILHENA, J. *Escutando a Família; uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1991.
- _____. *Apartheid Clínico; uma visão violenta e autoritária da prática clínica*. In: Cadernos do SPA. Rio de Janeiro, Puc, 1993.
- STENGERS, I. *Quem Tem Medo da Ciência? Ciências e Poderes*. São Paulo, Ed. Siciliano, 1990.
- ZALUAR, A. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro, Ed. Revan, 1994.

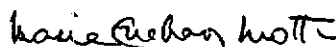
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Lícia Magno Lopes Pereira intitulada "A fala da violência: um estudo psicanalítico da violência", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Prof. Junia de Vilhena (Orientadora)
PUC-Rio

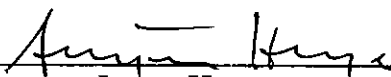


Prof. Esther Maria de Magalhães Arantes
PUC/Rio



Prof. Maria Euchares Motta
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 3.10.1997.



Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas